

ILUSTRAÇÃO

N.º 292 — 13.º ano



CARNAVAL ETERNO

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Laves e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 33\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Comece o dia com

'OVOMALTINE'

a bebida
que lhe dá a si e aos seus,
saúde e energia

À venda em todas as Farmácias, Drogeries e Mercenarias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. - BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA



Venda em todas as Pharmacias

Como proteger
a sua tez
DO MAU TEMPO



Acabei de encontrar uma senhora que sai todos os dias, expondo a sua pele aos efeitos irritantes do vento e do frio. No entanto, a sua tez parecia tão maravilhosamente fresca, a sua pele tão macia e tão aveludada, que lhe perguntei como, estando constantemente exposta a intempéries, ela evitava a rugosidade, o endurecimento e as sardas. Eis a sua simples receita:

Aplique o Crème Tokalon. Alimento para a Pele. Cór de Rosa, antes de se deitar. Ele alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono. Aplique o Crème Tokalon. Alimento para a Pele, Cór Branca (não

gorduroso), de manhã. Embranquecedor, tôn co e adstringente, suprime os poros dilatados, os pontos negros, e acalma a irritação das glândulas cutâneas. Toda a mulher ficará surpreendida e encantada do belo aspecto «mate» e veludado que, por este método, o Crème Tokalon dá à tez.

UMA PELE SUAVE,
BRANCA E AVELUDADA
É O MAIOR ENCANTO
DUMA MULHER

A' venda nos bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon - 88, Rua da Assunção, Lisboa - que atende na volta do correio

GRAVADORES
IMPRESSORES
Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA



Horas sem sofrer..
Horas felizes

Este peliz é o orgulho do pai, a alegria da mãe e o sol do lar. O seu feitio sempre vivo e natural torna-o favorito de todos. Para ele existe só a alegria neste mundo; ele não conhece a dor - nunca a viu. As crianças são auxiliadas pela natureza, os adultos pelo poder sedativo e reanimador da

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Os vossos filhos precisam do

S O L !

Os raios ultra-violetas são o factor primordial das curas na alta montanha. E', portanto, só dentro da lógica, se substituímos nos meses pobres em dias de sol a energia solar natural pelo Sol de «Altitude» — Original Hanau — Também V. Ex.^a pode ter a alegria de ver os vossos filhos sempre com o aspecto sadio e perfeita saude como nas férias

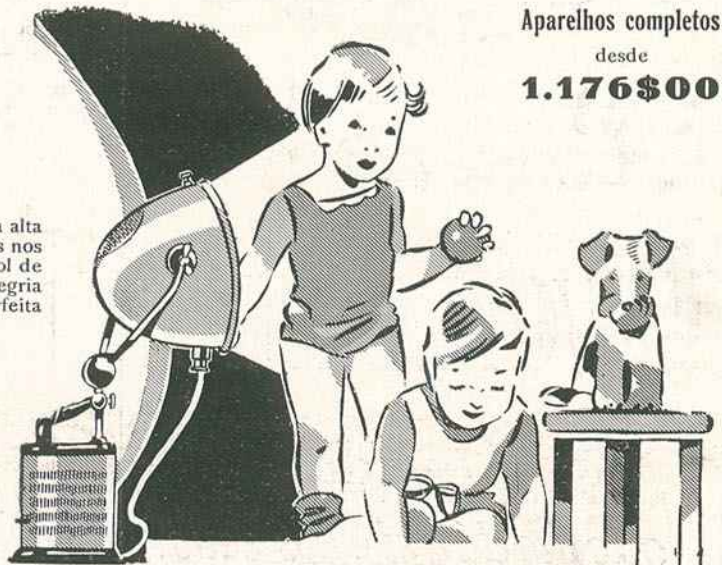
Peçam ainda hoje o catálogo ilustrado n.º 843, preços e demonstração gratuita:

SIEMENS REINIGER S. A. R. L.

Rua de Santa Marta, 153 — Lisboa

INSTITUTO PASTEUR

Rua Nova do Almada, 71 — Lisboa



Aparelhos completos desde
1.176\$00

„Sol de Altitude“ — Original Hanau —

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa.

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dores com o D

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS** Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica. *Em unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.*

À venda em todas as Pharmacias
Produits BÉJEAN - Paris

As forças nipónicas continuam avan-

çando em território chinês. Segundo as próprias estatísticas chinesas, um quinto do país está ocupado pelos japoneses. Verificou-se também que, até agora, 60 milhões de chineses foram obrigados a abandonar os seus lares.

Entretanto, o Japão avança, embora com tôdas as cautelas.

O avanço que faz ao longo do caminho de ferro de Pequim-Hankeu, patenteia bem a sua tática: evitar recontros de frente, e tornar, portanto, o menos eficiente possível a guerra de desgaste que Chang-Kai-Chek organizou com o maior método.

Um edital publicado pelo Exército e Marinha invasores anuncia que serão sequestrados, até à implantação do novo regime, os bens dos chineses que façam propaganda contra o Japão. Mais anun-

A CONFLAGRAÇÃO ASIÁTICA

UMA CHAMA QUE PODE ORIGINAR UM ESPANTOSO INCÊNDIO

ciã que "as cessões de bens feitas depois de 13 de Agosto não terão validade".

Por sua vez, os chineses resistem e preparam-se o mais activamente, graças aos reforços e instruções que, a todo o momento, recebem.

Há dias apareceram nos arredores de Cantão quatro aviões japoneses que foram rapidamente postos em fuga pela chegada de nove aviões chineses de caça, ultra-rápidos, o que desalentou o inimigo, visto ser isso uma amostra do magnífico armamento de que a China dispõe. Por outro lado, calcula-se que o avanço dos japoneses esteja servindo os planos de Chang-Kai-Chek que parece está chamando o invasor ao local em que mais lhe convenha o choque.

Em boa verdade, se o Japão já não

é aquele país bárbaro que tanto se espantou ante as ar-

mas de fogo dos portugueses, chegando a atribuir-lhes feitiço, a

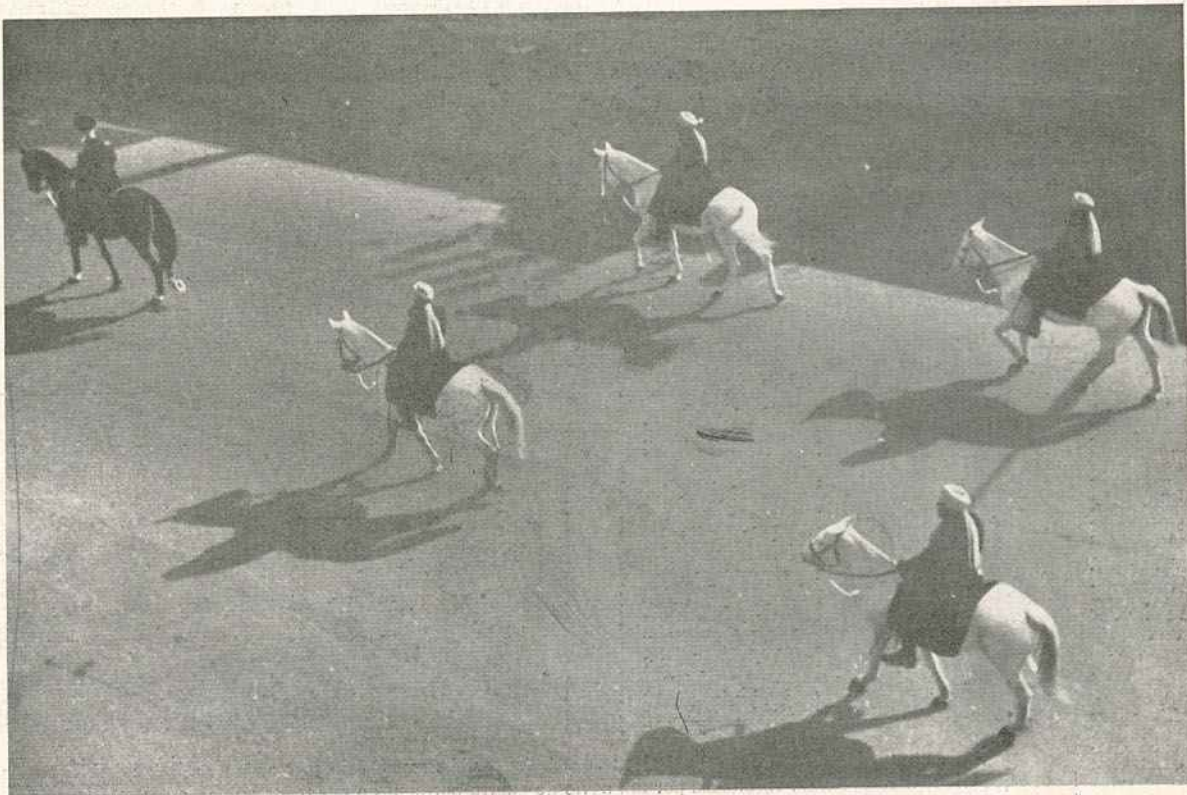
China também já não é aquele pobre país dos homens de rabicho que se entretinham a comer arroz com dois pausinhos e a confeccionar o trabalhoso acepipe dos ninhos de andorinhas.

Tudo evoluciona. Até Confúcio teria evoluído se vivo fôsse!

Mas, nesta evolução constante, saltam, por vezes, faíscas que podem originar um espantoso incêndio em todo o Universo. É certo que, de séculos a séculos, se produzem cataclismos que servem para a necessária depuração. Estaremos destinados a assistir a qualquer convulsão apolítica?

Que Confúcio lhes valha.

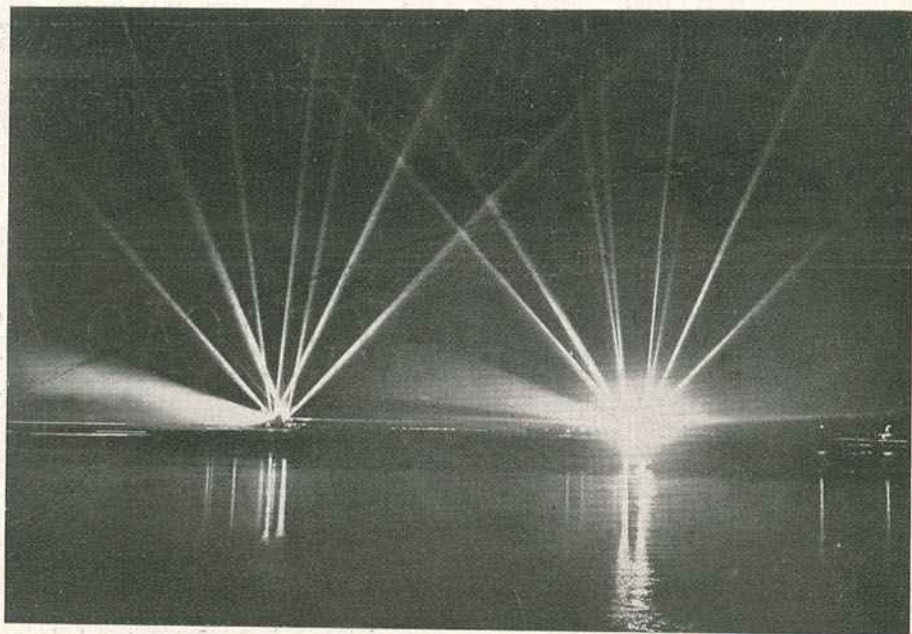
A gravura que abaixo reproduzimos foca interessantemente a polícia hindu da Concessão Internacional de Xangai, fazendo a sua patrulha habitual.



A ALIANÇA LUSO BRITANICA

VISITA DA
«HOME FLEET»

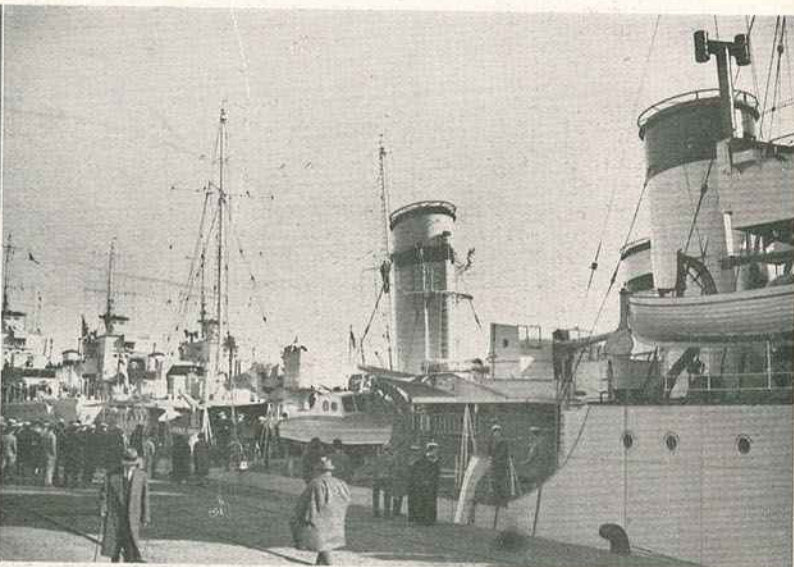
Um curioso aspecto dos exercícios dos projectores dos couraçados ingleses no Tejo. O efeito foi surpreendente e a cidade esteve, por vezes, completamente iluminada pelos potentes fachos dos dois navios



Um dos potentes barcos fundeados no Tejo e que contrastam singularmente com as embarcações dos tempos em que o nosso D. João I recebia refôrços da Inglaterra para repelir a cubiça castelhana



O embaixador e a embaixatriz da Inglaterra, o ministro da Marinha, o secretário do Ministério dos Estrangeiros e o major general da Armada durante a recepção no palácio da Embaixada Britânica



O sr. ministro da Marinha com o almirante Backhouse a bordo do «Nelson». — *A direita*: Um aspecto do caes após a entrada no Tejo de duas divisões da «Home Fleet» que desde a costa foram escoltadas por um navio de guerra português e por trinta aviões, em cortejo triunfal

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O almirante sir Roger Backhouse colocando a linda corôa de camélias no monumento aos Mortos da Grande Guerra. Num cartão que pedia da corôa liam-se em português estas palavras: «Aos ilustres portugueses mortos na Grande Guerra, como preito de homenagem do comandante em chefe, oficiais e marinheiros da «Home Fleet». Esta cerimónia revestiu grande imponência, patenteando, mais uma vez, a amizade luso britânica que há séculos se mantém para honra dos dois povos. A firmeza com que o almirante Backhouse se apresentou ante o monumento era a mesma com que, nas horas de perigo na Grande Guerra, soube enfrentar a morte



O grande escritor Stephan Zweig que há dias visitou Portugal apanhado em flagrante pela objectiva do repórter fotográfico no Estoril. Tendo publicado há dias um primoroso trabalho sobre Fernão de Magalhães, vai agora ocupar-se de Luís de Camões num dos seus próximos livros. — *A' direita:* O sr. ministro da Alemanha e o almirante Marshall com os seus convidados a bordo do couraçado «Deutschland», onde se realizaram almoços em honra da Armada e Aviação portuguesas



O sr. dr. Armindo Monteiro, embaixador de Portugal em Londres, no cais de desembarque, onde aguardavam a sua chegada várias pessoas das suas relações. — *A' direita:* — Homenagem a um graduado da «Mocidade Portuguesa», Inácio Policarpo Alves Ferreira, que realizou dois salvamentos. A cerimónia realizou-se no Seixal, vendo-se o homenageado ostentando já a sua honrosa medalha



ASPECTOS DA QUINZENA

A Sociedade Lusó-Africana, do Rio de Janeiro, instituição benemérita a que o nosso país deve os maiores serviços, tanto pelo que respeita à aproximação luso-brasileira como pelo que se refere à propaganda das colónias portuguesas no Brasil, pela terceira vez tomou parte na Feira de Amostras, da Capital Federal. É um aspecto parcial do respectivo «stand» que publicamos hoje em homenagem á acção desinteressada de alto civismo que a Lusó-Africana vem desenvolvendo.



O sr. dr. Agostinho de Campos proferindo na Faculdade de Letras um notável discurso por ocasião da inauguração da regência da cadeira de Estudos Camoneanos. Presidiu à cerimónia o sr. dr. Caeiro da Mata, reitor da Universidade de Lisboa, que era ladeado pelos srs. drs. Vieira de Almeida, director da Faculdade, Alberto de Oliveira e Afonso Lopes Vieira. — À direita: O sr. dr. Joaquim Manso lendo a sua conferência «A lição das viagens», na Sociedade de Geografia



A parada da Mocidade Portuguesa, na Arrábida, do Pôrto, sob o comando superior do sr. Conde de Vilas Boas. Depois de formarem em quadrado e de haverem entoado os hinos nacional e da «Mocidade», um dos graduados fez uma alocução aos seus camaradas, que a transmitiram às suas bandeiras. A seguir desfilaram em continência perante o comandante distrital e percorreram entre filas de povo que os aplaudia, o itinerário marcado

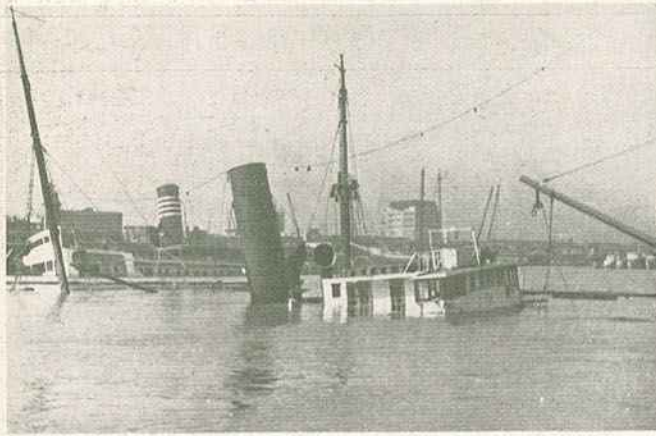
ASPECTOS DA GUERRA DA CHINA



Crianças chinesas refugiadas nos arredores de Xangai. Na sua inocência, as pequeninas vítimas das ambições dos homens não sabem compreender ainda a terrível calamidade que caiu sobre os seus lares



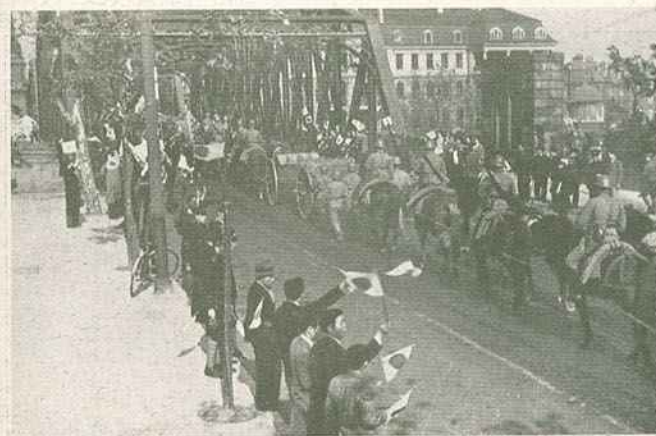
Raparigas chinesas da Cruz Vermelha realizando um pedidório nas ruas de Xangai a fim de conseguirem donativos para os refugiados chineses. Entretanto, a luta prossegue encarnicadamente em todas as frentes



Barcos japoneses afundados pelos chineses com o fim de obstruir o rio Wangpoo. Tudo serve para a realização de um fim. E assim barcos formosíssimos são transformados em simples escólhos



As tropas japonesas preparando-se para um ataque em Shantung de que resultaram milhares de mortos e feridos de parte a parte, cumprindo-se desta maneira a tão anunciada guerra de desgaste

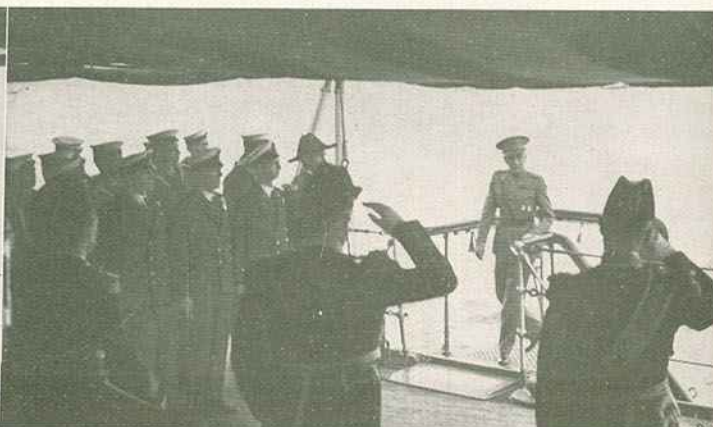
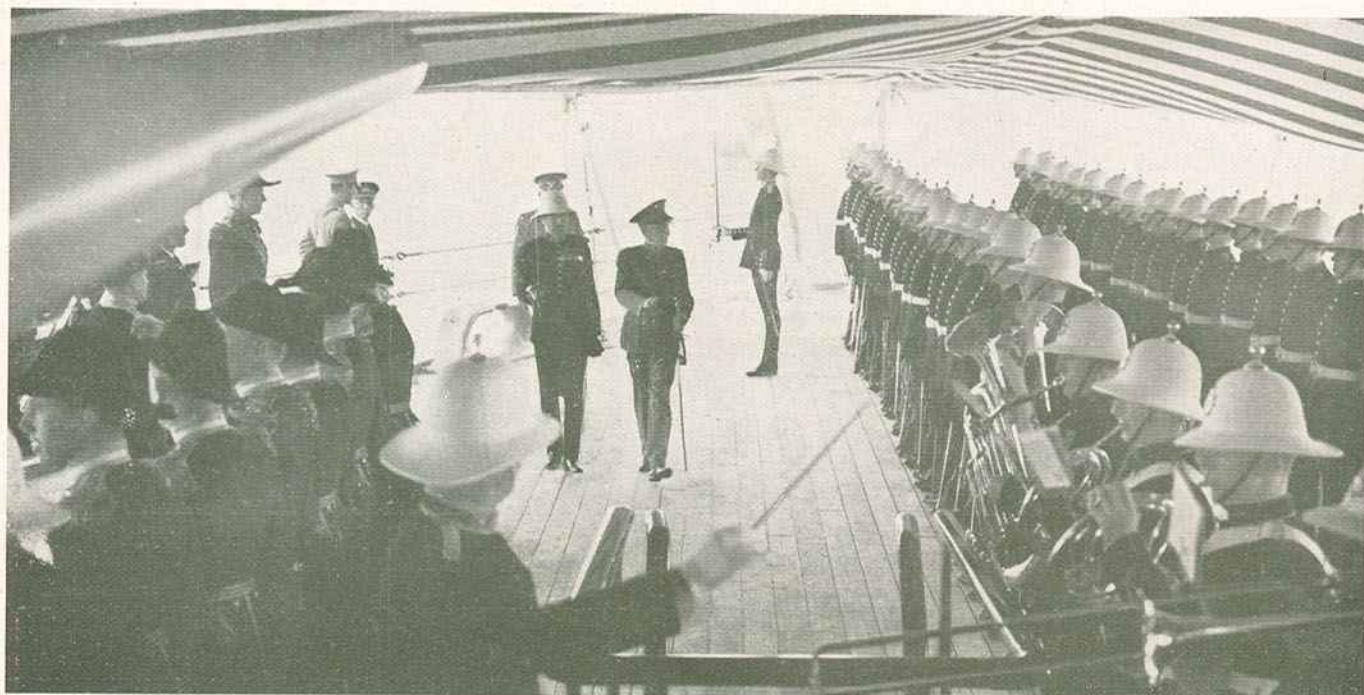


Tropas japonesas passando a ponte de Xangai por entre as aclamações de alguns chineses que prudentemente agitam bandeirinhas com as cores do Império do Sol Nascente



Um carro de assalto japonês em pleno ataque perto de Nantao. Por entre rajadas contínuas de metralha não é muito natural que a Paz se apresente dum momento para o outro

A VISITA DA «HOME FLEET»



Em cima: O sr. Presidente da República passando em revista uma luzida guarda de fuzileiros navais, ao entrar a bordo do «Nelson». — Ao centro, à esquerda: O sr. general Carmona conversando com o embaixador britânico e o almirante Sir Roger Backhouse. — À direita: O sr. Presidente da República recebendo os cumprimentos da «Home Fleet». — Em baixo: O sr. Presidente da República ouvindo, em continência, o filho nacional. — À direita: O Chefe do Estado entrando a bordo do «Nelson»

NOTÍCIAS

DA QUINZENA

Falangistas e legionários junto do monumento aos mortos da Guerra, após a cerimónia da entrega das bandeiras aos "Flechas," de Lisboa. Todos manifestaram a mais robusta fé nos destinos da Pátria, verificando-se que, com tal entusiasmo enraizado no coração, as Nações vivem, elevam-se e dignificam-se



Os "flechas," de Badajoz, após a sua chegada a Lisboa, vendo-se, no primeiro plano, os srs. comandante Tenreiro, tenente Ramalho, chefe da missão e capitão Humberto Delgado. Êste encontro patenteou os sentimentos dos dois povos peninsulares que mostrarão sempre pela sua crença e forte confiança nos seus destinos que não receiam o caos a que pretendem arrastá-los.



Falangistas e "flechas," em desfile perante o monumento aos mortos da Guerra, patenteando o entusiasmo patriótico dos verdadeiros soldados de amanhã. Com êstes soldados se organizarão as legiões indomáveis que, desde os tempos de Viriato, se mostraram à luz do sol, firmes na defesa da sua independência soberana. A História dá-nos sempre esta lição

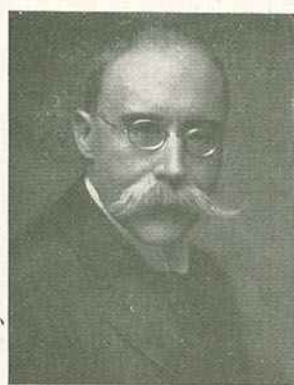


Excursão do pessoal da Vacuum do Pôrto. Passeio a Sintra quando da visita aos seus colegas de Lisboa



Oficiais do Exército e da Marinha prestando homenagem aos soldados mortos em defesa da ordem no movimento de 7 Fevereiro no cemitério dos Prazeres. Esta cerimónia dum alto significado veio mostrar mais uma vez que a base da felicidade duma pátria consiste, antes de tudo na ordem perfeita para que tôdas as grandes iniciativas produzam na máxima força e expansão

FIGURAS E FACTOS



Pró Pátria—livro magnífico, esgotado há 31 anos—acaba de ser reeditado. Homem Cristo é o contrário das suas obras: enquanto estas se esgotam rapidamente, ele apresenta-se mais vigoroso que nunca...



Contos sombrios é o título dum novo livro de Z. Lerbak um jovem pensador que já nos tinha dado *Cinzas da nossa alma*. Z. Lerbak (pseudónimo de José dos Santos Cabral) venceu mais uma vez as suas faculdades de escritor



A «Marcha Popular» que constituiu um dos mais atraentes números do programa da festa escolar realizada, há dias no Colégio de Eça de Queiroz. Alegria, mocidade e confiança no futuro



O sr. Presidente da República com as demais entidades oficiais na Associação Comercial de Lojistas de Lisboa que festejou o 68.º aniversário da sua fundação. O Chefe do Estado condecorou com medalhas comemorativas alguns empregados do comércio com 50 anos, e mais, de profissão

PROEZAS AMOROSAS DE NAPOLEÃO III

Ossos de ofício de um "D. Juan" pretensioso

EM 1830 o príncipe Luís Napoleão Bonaparte — aquêlê que, muito mais tarde, envolto na púrpura imperial havia, sob o nome de Napoleão III, arrastar a França à derrocada de 70 — vivia na Suíça, ou antes, para falarmos com toda a exatidão, o jóvem príncipe, filho da rainha Hortense de Beauharnais, aborrecia-se prodigiosamente na Suíça.

O filho de Hortense de Beauharnais, limitamo-nos a dizer, porque, realmente, seria difícil de precisar a quem cabia a honra, ou a deshonra, de ter sido o autor dos dias do príncipe. A mãe, a gentil creoula de pele côr de âmbar e olhos côr do céu, fôra uma das mais atrevidas leões amorosas da côrte napoleónica, enfim, numa palavra, como diria o espiritoso comentador do Memorial de D. Francisco Manuel de Melo, *senhora de muito bem fazer a quem lho pedia...*

Os pedintes afluíam em chusma, atropelavam-se mesmo, à volta da sua sáia de cauda — obra de arte do *tailleur modiste* Leroy — recamada das abelhas de ouro imperiais, da complacente sereia dos trópicos, e como ela — generosa até à prodigalidade conforme o uso da Martinica — a nenhum pedinte despedia sem esmola, torna-se impossível ao historiador indicar, com segurança, quem teria dado o ser ao futuro monarca.

Luís Bonaparte, o pai legal, segundo documentos oficiais, sabelor da liberalidade da sua galante consorte, declinou sempre as honras dessa paternidade. Quem teria sido, pois? A respeito duma mulher famosa pelas suas galanterias que, como Hortense de Beauharnais, passava, com a maior desenvoltura, dos braços do padrasto para os do marido, dos do marido para os do almirante Ver Huell e dos do almirante Ver Huell para os do conde Flahaut, tudo quanto se formule são hipóteses. Quem teria sido o pai? Não se sabe.

Mas não levemos tão longe a nossa curiosidade erú dita. Existe, creio, uma lei instituída pelo velho imperador Justiniano que diz: *Pater is est quem justæ nuptiæ demonstrant*. Contentemo-nos pois com essa acomodática lei promulgada pelo respeitável soberano juriconsulto e voltamos ao nosso herói.

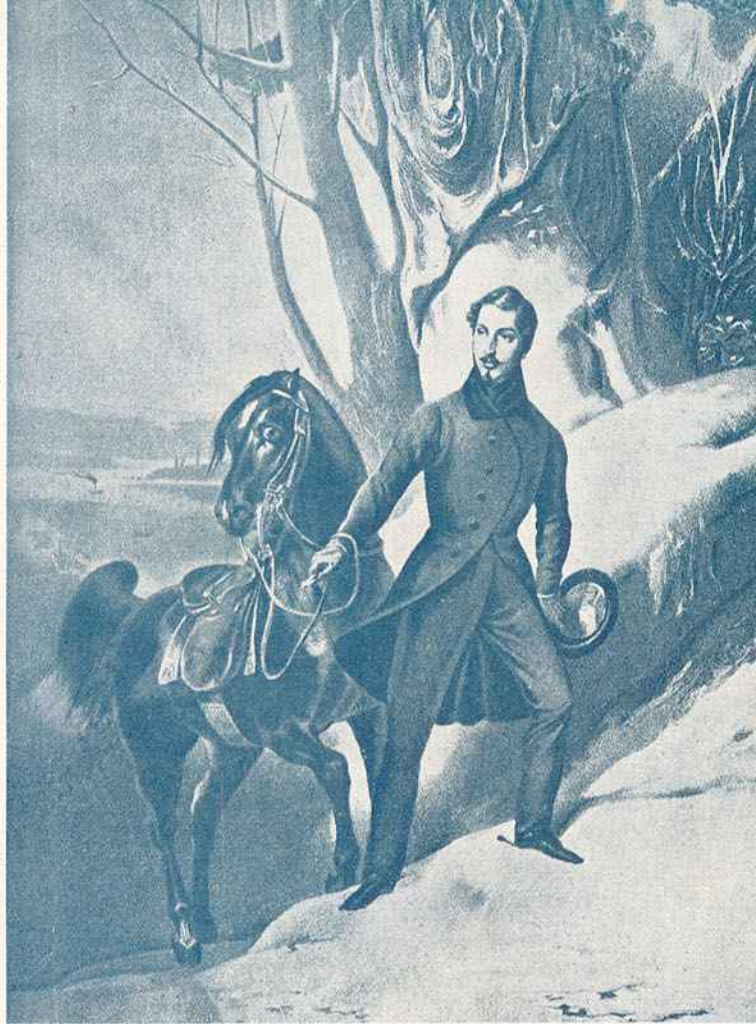
O jóvem Bonaparte (chamemos-lhe assim em obediência à acima citada lei de Justiniano) aborrecia-se, como já atraz dissémos, terrivelmente na Suíça. Aquelas montanhas escarpadas, cobertas de neves eternas, cujos píncaros tocavam o céu confundindo-se com as núvens; aquêles formosos lagos, de águas côr de safira e esmeralda, onde pequenas ilhas surgiam como ninhos de verdura afogadas na superfície líquida; aquelas geleiras, verdadeiros oceanos de gelo cujas vagas imó-

veis se entre-abriam, com um estampido terrível, formando abismos medonhos donde, em cataratas efervescentes, joravam correntes impetuosas; aquelas florestas de pinheiros sombrios empoados de flocos de neve; aquelas majestosas quedas de água que, duma altura de milhares de pés, lançavam o seu jacto de espuma; aquêles pitorescos vales, onde os rios serpenteavam como réptis de escamas de cristal; aquêles prados verdejantes, esmaltados de flores, que se desenrolavam a perder de vista no horizonte como um tapete imenso de veludo verde cheio de manchas polícromas; aquelas vastas planícies, literalmente revestidas de lençóis de neve, que brilhavam ao sol como se estivessem constelados de milhares e milhares de diamantes irisados de reflexos glaucos, em suma, todos êsses formosíssimos panoramas dos cantões helvéticos haviam-se-lhe tornado odiosos, à fôrça de tanto os ver.

Estava cansado das águas tranqüilas do lago Constância onde a sua Vila de Arenenberg se reflectia como na límpida superfície dum espelho de Veneza. Estava cansado dessa paisagem eternamente branca e verde, e, sobretudo, estava cansado, farto, mesmo farto, até á ponta dos cabelos, das camponesas suíças, de pele de rosas e leite, tranças côr de linho e pupilas de miosote. Ansiava por deixar o cantão da Thurgóvia, viajar, correr Mundo, em busca de novos horizontes e novos tipos de mulher. Depois, voltar, mais tarde, já coroado D. João Tenório, e contar triunfante, aos amigos as suas proezas amorosas através do globo e — quem sabe! — escrever talvez as suas memórias com o duque de Richelieu.

O príncipe era, como se está vendo, um precursor desse galã, herói dos *Sinos de Corneville* que, com a maior petulância, se vangloriava, alto e a bom som, dos seus triunfos nos corações das damas

*Italianas,
Peruvianas,
Circassianas
De tudo amei,
Lindas marquesas,
Mil camponesas,
E até princesas
Eu conquistei...*



O príncipe Luís Napoleão Bonaparte em 1835

Dia e noite o príncipe — D. Juan Bonaparte em embrião — sonhava com as suas futuras proezas amorosas... Via-se em Paris, passeando a cavalo, nas ruas dessa capital esplêndida onde seu tio reinara em déspota. Os homens agitavam entusiásticamente os chapéus á sua passagem, saudando nêlê o pretendente ao trono imperial... As mulheres sorriam amorosamente, procurando atraír a sua atenção, lânguidas, já prestes a abandonarem-se, a êle, ao descendente do grande imperador...

Via-se, entrando nos elegantes salões da aristocracia parisiense, armado do prestígio que a glória do curso imortal e a maravilhosa epopeia napoleónica nimbavam a sua frente, assim como a de todos os Bonapartes. Á custa dêsse prestígio não tinha — dizia-se — o seu primo, o duque de Reichstadt visto as mais lindas damas vienenses rendidas aos seus pés? E o que valia êsse arquiduquezinho, pálido loiro e franzino como os melancólicos infantes da Casa de Áustria que Velasquez pintou (aquí o nosso herói remirava-se complacentemente ao espelho, retorcendo o bigodinho) junto do príncipe Luís Napoleão?

Elas, as sereias de Paris, ficariam logo, nem se discute, subjugadas ao primeiro olhar carregado duma langüidez infinita que êle lhe lançaria. Correriam ao seu encontro trémulas de emoção e, ao cabo duns giros de valsa, dum passeio no bosque e duma *soirée* na Ópera, abandonar-se-lhe-iam, radiantes de orgulho, pela honra que o destino lhes concedera, dando-lhes por amante o sobrinho de Napoleão I.

A glória de pertencer ao príncipe im-



Vista de Arenenberg

canteiro, no imenso jardim que era a sociedade de Paris, colhendo e metendo na *boutonnière*, todas as flores que para êle estendessem as suas perfumadas corolas...

Hoje uma rosa, amanhã uma tulipa, depois uma violeta...

Nem se discute que nunca a mesma flor sempre na *boutonnière*. Isso seria dum mau gosto absoluto! E se alguma das formosas sacerdotisas de Vénus se lastimasse, chorosa, da sua inconstância, êle no seu melhor francês declamar-lhe-ia certa passagem do *D. Juan*, de Molière, que constituia a sua profissão de fé na religião do Amor:

O quê?! Tu queres que um homem se comprometa a ficar eternamente ligado à primeira mulher que o atraiu, que renuncie a todas por causa dela, que não tenha olhos para mais nenhuma? Que linda coisa querer-se vangloriar numa virtude ridícula como a fidelidade, isto é, de se enterrar para sempre numa paixão de estar liquidado, positivamente morto, para todas as belezas que lhe chamem a atenção! Não, não, a fidelidade é uma virtude dos tolos; todas as belas têm o direito de nos encantarem e a vantagem de haver sido encontrada em primeiro lugar não deve roubar às outras as justas preleções que todas elas têm sobre nós. Quanto a mim, a beleza arrebatava-me sempre, seja onde for que a encontro e cedo gostosamente à doce violência que ela sobre nós exerce. Posso estar comprometido, o amor que sinto por uma bela não compromete a minha alma a fazer injustiça às outras; conservo sempre os olhos bem abertos para ver os encantos de todas e render-lhe as homenagens e os tributos a que a natureza nos obriga. Seja como for, não posso fechar o coração ao que vejo de belo e, mal vejo um lindo rosto que me agrada, se tivesse dez mil corações, dava-los todos. As novas inclinações apresentam extraordinários encantos, e todo o prazer do amor consiste na mudança. Goza-se uma imensa satisfação em conquistar, à custa de cem homenagens, o coração duma formosa jovem, em medir, dia a dia os pequenos progressos que se faz, em combater, com lágrimas e suspiros, o inocente pudor duma alma que se recusa a depor armas, em vencer, passo a passo, todas resistências que ela nos opõe. Mas, uma vez a praça conquistada, nada mais há ali que nos interesse. Todo o encanto da paixão desapareceu e, adormecemos na apatia desse amor até que um novo objecto vem despertar o nosso desejo e apresentar ao nosso coração os fascinadores encantos duma nova conquista a empreender. Enfim, não existe nada mais encantador que triunfar duma linda mulher que nos resiste, e eu tenho, sobre esse ponto, a ambição dos conquistadores que voam continuamente, de vitória em vitória, e não podem decidir-se a restringir as suas aspirações. Não há nada que possa deter a impetuosidade dos meus desejos. Tenho coração para amar a Terra inteira; e, como Alexandre eu desejaria que houvesse outros mundos para lá estender as minhas conquistas amorosas!

• Mas, infelizmente, as portas de França estavam-lhe fechadas, assim como a todos os membros da antiga família imperial pelo recente édito de Luiz Felipe e, perplexo e desgostoso, o moço príncipe Bo-

naparte passeava nas margens do formoso lago de Constância — exactamente na atitude de Hamlet, príncipe da Dinamarca, meditando sobre o pouco que nós somos — preocupado com a escolha do país que tinha que eleger, para teatro das suas façanhas donjuanescas. A Espanha, a Itália, a Inglaterra, ou a Alemanha? A respeito desta última, o filho da sensual rainha Hortense não se sentia tentado. A Alemanha já lhe servira, como a Suíça, de liça amorosa e, embora as juvenis *frauleins* tivessem accorrido pressurosas a mitigar a sua sede de prazer, decididamente essas belezas germânicas, de carnes exuberantes, silhuetas massiças e carnações avermelhadas, não eram o seu forte. Debalde procurara entre elas quando estivera no colégio de S.^{ta} Ana as irmãs dessas princesas de legenda, dessas fadas loiras, diáfanas, aladas, quasi imateriais, de que a imaginação dos poetas havia povoado nas margens do Reno. Só encontrara Vénus robustas e saudáveis, género mães de famílias, como a Ana de Clèves, de Holbein.

A Espanha, ao contrário, seduzia-o irresistivelmente. Lera o "Último Abencerragem" e, desde então, entrara a sonhar com êsse estranho país, de planície infinitas e serranias escarpadas, onde era preciso tão bem saber amar como matar, para conquistar as graças das damas.

Porém, qual seria a *señora* que, ao ver passar, sob as suas janelas, um cavaleiro admirável como êle, ao vê-lo firme na sela, dominando os mais fogosos ginetes, não arrancaria, delirante de entusiasmo, a rosa vermelha que se destacava no peito do seu vestido branco como um coração sangrento, para lha lançar?

Arrastado pela sua imaginação vulcânica Luiz Napoleão montava um desses alados corceis que a fantasia nos empresta, deixava a Suíça, atravessava os Pireneus e chegava a Andaluzia.

Lá, uma mulher bela como a Vénus do Espelho, de Velasquez, encontrada numa velha igreja — antiga mesquita, onde o nome de Cristo substituíra para sempre o de Alah — apaixonara-se loucamente por êle e, de olhos baixos, torcendo nervosamente a sua *mantilla* de rendas negras, convidava-o a visitá-la no seu palácio.

Uma antiga morada, cuja edificação remontava ao período do esplendor da arte árabe. Ela recebia-o, num pátio interior, onde séculos antes, talvez sultanas haviam composto ramalhetes com a misteriosa linguagem das flores. Êle, louco de amor, caía-lhe aos pés, osculando-lhe as suas longas e perfumadas tranças de ébano, beijava-lhe demoradamente as suas formosas pupilas de veludo negro, semi-cerradas de volúpia, procurava sofregamente essa boca entre-aberta num sorriso de felicidade, lastimando não ser um Goya, para pintar a sua "Maja" mas desnuda como Goya retratara a sua...

A Inglaterra interessava-o também imenso. Aquelas *ladies*, graves, loiras cândidas, espirituais como figuras sacras de Fra Angélico, capazes de cometerem todas as loucuras amorosas sem perderem o seu aspecto virginal e pudibundo, atraíam-no muitíssimo. Ansiava por pos-

suir uma dessas esfinges brancas que tão generosas haviam sido para os oficiais franceses prisioneiros. Montava, de novo, o corcel da fantasia e achava-se em Londres, no Piccadilly.

Piccadilly! Shops, palaces, bustle and breeze, The whirlnig of wheels, and the murmur of trees.

As *ladies* passavam, reclinadas, nas suas carruagens acolchoadas de setim preto, numa atitude repleto de languidez, os anéis de ouro pálido dos cabelos caindo-lhe sobre os ombros arredondados, os olhos azuis puros como o firmamento, muito doces, muito românticos, muito amorosos e as mãos alabastrinas pendentes. Êle passava, cavalgando um fogoso ginete, num galope furioso. Elas acordavam da sua *rêverie*, o límpido azul das suas pupilas faiscava, à boca aflorava-lhe um sorriso de encantamento e levavam as mãos trémulas ao seio palpitante...

Depois, numa pardacenta tarde de outono, uma dessas tardes de prata londrinas, seguia pelas aias de Hyde-Park a formosa *lady* de cabelos cendrados e iris azuis e dirigia-lhe a palavra. A aia afastava-se discretamente e, volvidos minutos, já erravam os dois, ternamente unidos através do arvoredo...

Uma promessa balbuciada, um beijo roubado e, decorridas semanas, a mimosa *lady* (que êle teria o cuidado que fôsse uma riquíssima orfã) consentia em ser raptada.

A jovem descia dos seus aposentos por uma escada de sêda. Êle esperava-a cá em baixo, envolto num amplo capote negro, com o chapéu carregado sobre os olhos. Tomava-a nos braços, verificando, ao mesmo tempo, se ela não se esquecer de, conforme lhe recomendara, trazer todas as suas jóias num saquinho pendurado ao pescoço.

Metia o pé no estribo, montava, colocava a *lady* à garupa e como as patas entapadas do cavalo (romântico ardil!) mal ressoavam na estrada, afastavam-se desaparecidos.

E, no dia seguinte, de simples *lady* a menina ascendia a princesa imperial e êle achava-se milionário...

Aqui acabam as visões e principiam as realidades.

A Espanha e a Inglaterra, porém, ficavam muito distantes e, como a rainha Hortense não quiz ouvir falar em viagens a países longínquos, o nosso herói teve que optar pela visinha península. Uma bela manhã, depois de haver dito adeus à melancólica paisagem de Arenenberg, tomou o caminho do país da Arte, do Sol e do Amor — a radiosa Itália.

Ao partir assim à aventura o príncipe julgava-se um herói, um verdadeiro D. Juan capaz de, como êle, seduzir as *mil e três*.

D. Quichote amoroso seria, talvez, mas não D. Juan Tenório...

Primeiro que tudo, o filho da voluptuosa Hortense ansiava por conhecer Veneza. Queria passear nos glaucos canais da rainha do Adriático, dentro duma romântica gôndola negra — autêntico leite nupcial flutuante — na companhia duma

formosa patrícia descendente dos nobres inscritos no *Livro de Ouro* que lhe desse a sensação de possuir, animadas de vida, tôdas as Vénus de Ticiano.

Mais tarde, iria a Nápoles, a cidade do maravilhoso golfo de safira, onde as mulheres possuíam lava ardente em vez de sangue nas veias e, endoutrinadas pelas defuntas rainha Carolina e Lady Hamilton, obedeciam cegamente aos impulsos da carne como as romanas dos tempos de Cláudio. Não desdenharia conhecer, de passagem, o amor imptuoso e selvagem dessas camponesas da Calábria, de rostos de madona e instintos de loba.

Visitaria também Parma, a cidade das violetas cantada pelos poetas, onde Maria Luiza de Áustria reinava em duquesa-sultão. Depois, percorreria, sucessivamente, Roma, Milão e Florença. Ainda havia de encontrar por lá netas das aristocratas pintadas por Vinci, Rafael e Botticelli.

A primeira etapa do voluptuoso roteiro calhou ser Florença.

Florença! A capital dos Médicis! A cidade dos lírios! Qual é a alma de artista, digna desse nome, que ao ouvir a palavra Florença (*Firenza* com dizem os italianos na sua língua musical), não anseia por conhecer a "cidade das flores assente sôbre coxins de verdura", banhada pelo Arno, onde cada uma das pedras rendilhadas dos seus palácios recorda uma sangrenta tragédia ou uma epopeia de amor.

Nos primeiros dias, Luiz Napoleão visitou a cidade em turista acompanhado dum guia.

— Aqui — dizia-lhe o *cicerone*, parando junto às margens do rio, à esquina da ponte de Santa Trinita e do Lung Arno — costumava Dante Alighieri deter-se, esperando a passagem de Beatrice Portinari, a mulher ideal que êle devia imortalizar no seu incomparável poema.

Nesta velha casa — continuava, mais adiante, detendo-se em frente a uma casa de humilde aparência, no meio dum rua tortuosa — viveu Bianca Cappelo quando, fugida de Veneza, veio refugiar-se em Florença. Um dia, o sereníssimo duque passou aqui no regresso dum caçada. Viu-a, amou-a e desta pobre casa ela saiu para ir habitar para o palácio ducal, primeiro como favorita e depois, uma vez a esposa legítima morta — nunca se soube de quê — como gran-duquesa da Toscana.

Dentro deste palácio — acrescentava, indicando a antiga residência dos Médicis — surpreendeu Vasari os monstruosos amores do gran-duque Cosme. O príncipe, temendo haver sido descoberto, aproximou-se do pintor que se fingia adormecido e desembainhou o seu punhal. O artista viu perfeitamente o gesto, mas nem sequer estremeceu. O tirano de Florença convencido de que Vasari, de facto, dormia a sono solto, afastou-se com Isabel de Médicis, sem levar a cabo o seu criminoso desígnio.

Mas o jóvém Bonaparte, não viera Florença para vêr antiguidades históricas. Beatrice Portinari, Bianca Cappelo e Isabel de Médicis há muito que eram cinza e pó, e êle viera à cata de fêmeaço

vivo, de modo que em breve mandou passear os guias.

Estava-se em Abril. Florença, a "cidade das flôres", parecia um templo consagrado à primavera. As colinas, esmaltadas de papoilas e rosas silvestres, que a dominavam, pareciam coroá-la dum gigantêscio festão perfumado. Os jardins, os parques, os monumentos públicos apareciam cobertos de lírios, desse *giglió* especial que contém dois lírios completos, entre as suas pétalas arqueadas. Tôda a velha cidade dos palácios e templos de mármore parecia renascer, sôbo o sôpro dum vida nova. A alegria, o prazer de viver, reflectia-se nos semblantes.

Chegara a primavera, a estação que era costume, desde tempos imemoriais, festejar com a maior pompa e que todos os artistas e poetas florentinos, sentindo talvez, brotar em si uma centêlha do amor com que os seus antepassados celebravam os ritos das deusas pagãs haviam exaltado nos seus quadros e nos seus versos.

Mantinha-se ainda na memória dos habitantes de Florença a canção com que Lourenço de Médicis, o magnífico, saudara a rainha das estações.

Que Maio, seja bem vindo, com a sua bandeira rústica, já que êle incendeia de amor todos os corações! E vós, donzelas, vós que de rosas e flôres ornais em Maio a vossa beleza, vós que passais aos bandos com as vossos namorados, ide sentar-vos na companhia dêles, à sombra fresca das árvores verdejantes. Os animais, os passaros em Maio andam loucos de amor! Aquelas que são jóvens e formosas não devem ser aváras dos seus encantos. A mocidade não volta, não renasce como a herva. Que nenhuma seja cruel, em Maio, para o seu namorado!

Que nenhuma seja cruel em Maio para o seu namorado — repetia Luiz Napoleão, radiante.

O feio rebento da rainha Hortense mete-nos dó pela sua presunção. Ignorava, o jóvém idiota, que não possuía uma única das qualidades necessárias para triunfar junto das filhas de Eva. Nem era belo, nem espirituoso, nem célebre, nem rico e, em geral, a mulher só aceita para amante o homem cuja varonil beleza a impressiona, cujo espírito a fascina, cuja celebridade a lisongeia ou cuja riqueza a deslumbra...

Mas — nisto é que consiste o cômico — Luiz Napoleão, com as suas pernas curtas, cara enorme e busto desproporcionado (tronco de gigante e membros de anão) julgava-se um Antinôus, um doce perigo para uma mulher e convencera-se que bastava ser um Bonaparte, sobrinho do grande general, vencedor de Lodi, para tôdas as damas viessem ajoelhar-se aos seus pés, carregadas de sacos de ouro, prontas a pagarem-lhe, a êle, os seus favores!

Era assim a sua moralidade. O seu fito já então era caminhar na vida à custa dos bons ofícios e do dinheiro das mulheres.

As escandalosas ligações que mais tarde teve com a atriz-cantora Gordon e



a *cocotte*, ou antes *Lorette*, como nesse tempo se dizia, Howard, provam bem o autêntico estôfo de *souteneur* que existia em Luiz Napoleão Bonaparte.

Porém, não nos embrenhemos nos futuros capítulos da vida amorosa do príncipe e voltemos à capital de Toscana.

Ao ver-se em Florença o môço Bonaparte julgou-se num serralho povoado de odaliscas submissas, onde o único incômodo seria fazer a escolha, isto é, arremessar o lenço.

O lenço foi lançado, e a quem, senhor do céu! A mais deslumbrante criatura da cidade, ao lírio dos lírios de Florença, numa palavra à maravilhosa condessa de Baraguni, aquela a quem os *galantuomos* florentinos chamavam espirituosamente a *anticamera del Paradiso*.

Era uma formosíssima italiana de pouco mais de vinte anos. Alta, delgada, ondulante como um salgueiro juvenil. No seu corpo, admirável pela correcção de linhas existia tôda a elegância nobre "quanta essência da distincção florentina" que caracterizava as filhas da cidade das flores. Um grande artista, ao vê-la, detivera-se surpreendido, reconhecendo nela, apenas com a diferença de coloridos, a viva imagem de Vénus ao nascer, de Sandro Botticelli. Despissem-na completamente — dissera, — e apareceria essa formosa desconhecida de corpo de ninfa pagã, repleto dum afrodisíaco encanto provocando o desejo, e de rosto de madona exprimindo inocência e tristeza, que vimos nesse célebre quadro, de pé, branca como a neve e esbelta como um lírio, com os cabelos soltos ondulado ao vento como duas serpentes, deslizando sôbre as águas, cobertas de espuma, numa gigantêscia concha nacarada...

No dia em que a encontrou pela primeira vez, numa linda manhã de sol, à saída da missa, Luiz Napoleão ficou completamente deslumbrado ao ver aqueles formosos olhos negros, plenos de melancolia e languidez; aquelas bastas e aneladas modeias sombrias que a tocavam dum diadema de ébano; aquele rosto belo como um mármore grego; aquelas mãos longas, finas estilizadas de patrícia; aqueles pés esculturais e aque-

les tornozelos delicadíssimos que faziam adivinhar uma perna divina...

Pensou na aparição de Beatrice do Dante e jurou a si próprio que aquela mulher, prodígio de formosura, lhe havia de pertencer.

A *signora* — todos o sabiam em Florença e disso o informavam — era um lírio, não só de beleza como de virtude e bondade. Porém, Luiz Napoleão Bonaparte, como em geral os homens nascidos de criaturas de má nota, não acreditava na honestidade das mulheres (é natural, filho e neto de aventureiras como Hortense e Josefina de Beauharnais como poderia êle acreditar na virtude feminina?) e, de si para si, disse: Se até hoje a *contessa* não pecou, pecará comigo. Alguém há-de ser o primeiro!

Contudo — infeliz aspirante a D. Juan! — de balde Luiz Napoleão se tornou a sombra da condessa. De balde, no teatro se instalou num camarote vizinho ao seu, devorando-a com a vista. De balde, nas Caseines, cruzou, num golpe furioso, a sua carruagem. De balde, tornando-se mais audacioso, lhe enviou ramos de flores acompanhados de bilhetinhos amorosos. Verdadeira grande dama, a patriciã florentina fingiu não dar pela existência do seu ridículo adorador e, afim de evitar um escândalo, rasgou, sem mostrar ao marido, as missivas do príncipe.

A condessa amava apaixonadamente o marido, um italiano belo como um deus, mas, nem que o detestasse, a todos os *galantuomos* de Florença escolheria para *cicisbeos*, menos ao feio bastardo da rainha Hortense.

A corte do francês principiou por diverti-la extremamente. Em seguida, quando essas homenagens se tornaram notórias e os florentinos começaram a rir-se daquelas loucas pretensões a *contessa* enfadado-se pelo ridículo que, fatalmente, envolvendo o tolo suspirante, ressaltaria sobre ela. Depois, os risos entraram a soar alto de mais. À sua passagem murmurava-se já, entre risinhos de moça, o nome do estrangeiro e, embora todos soubessem que ela de modo algum animara aquela chama, a troça continuava. Então, a *signora* zangou-se e caiu debulhada em lágrimas, sobre as almofadas de setim do seu *boudoir*.

Entretanto, D. Juan Bonaparte consumia-se de paixão insatisfeita e decidiu travar um último combate, dar um assalto fulminante, a fim de ver se conseguia tomar a praça.

Era preciso, fôsse como fôsse, introduzir-se na morada da sua bela e, uma vez lá, cair-lhe aos pés, declarar-lhe, numa torrente de eloquência, todo o seu amor. Mas como? De que maneira? pensava Luiz Napoleão — se não possuía à sua disposição um Figaro para o introduzir em sua casa da nova Rosina?

Cogitou, meditou, ruminou, até que por fim achou.

Acto contínuo, o príncipe, saiu, foi a um cabeleireiro, a uma modista de chapéus e vestidos, a um sapateiro e a várias outras lojas. Quando voltou ao seu domicílio, já noite fechada, um riso de triunfo encrespava-lhe a bôca.

No dia seguinte, de manhã, Luiz Napoleão levantou-se da cama e, mesmo em camisa de dormir, correu ao espelho de navalha de barba em punho. Ensabooou rapidamente o queixo e num gesto decidido, deitou abaixo o bigode. Em seguida, após o banho, sentou-se em frente ao toucador e principiou a bezuntar a cara com *cold-cream*. Depois, manejando uma enorme *houppete*, empoou-se todo com pó de arroz e, sacando duma caixinha de carmim, tingiu as faces cuidadosamente.

Abriu uma gaveta, tirou de lá uma bela cabeleira postiça de mulher e colocou-a

meu amor, sede minha, ou me abandono ao meu desespero pondo fim aos meus dias! Mato-me a vossos pés se repelirdes as minhas súplicas, ligar-vos-ei a minha morte como eterno remorso!

O lírio de Florença ao ouvir êste discurso de melodrama barato, ao ver aquele enorme punhal de lâmina reluzente, fez-se mais pálida de que todos os lírios da cidade reunidos e, aterrorizada, correu para a campanha e tocou afluivamente.

A criada primeiro, depois os lacaios, em seguida o conde de Baraglini que nesse próprio instante chegara a casa, precipitaram-se para o *boudoir* da condessa, julgando tratar-se dum princípio de incêndio.

Porém, ao chegarem, em lugar de chamas, viram uma rapariga, empunhando numa mão um ramallete de flores, noutra uma adaga recurvada, de joelhos aos pés da *signora*.

— O que significa tudo isto?! — perguntou o conde, no auge do espanto — Quem é esta mulher?

— Não é uma mulher, *anima mia*, é um homem! É o príncipe Bonaparte que se disfarçou em florista para até aqui me vir perseguir!

E caiu desmaiada nos braços das criadas.

O conde de Baraglini olhou furioso o seu rival e, levantando a sua bengala de junco da Índia, correu para êle.

Luiz Napoleão quiz fugir, mas atrapalhou-se nas saías, de modo que só conseguiu atingir a porta da rua sob uma chuva de bengaladas e corrido a pontapés pelos criados.

Aqui largava o punhal acolá, o chaille, mais adiante o chapéu e a cabeleira...

Na rua, apupado pelos garotos ainda foi pior. D. Juan Bonaparte levantou as saías rasgadas, desatou a correr até que encontrou uma sege de aluguer.

No dia seguinte, nos salões, nos mercados, a aventura do príncipe Bonaparte era o assunto de tôdas as conversas.

Luiz Napoleão sabendo que a cidade inteira se ria à sua custa, decidiu libertar-se do ridículo de que êsse malgrado golpe de Estado amoroso o cobrira, mandando por duas testemunhas desafiar o conde de Baraglini. Julgava o príncipe que o conde recusaria bater-se, mas o pior foi que o marido ultrajado aceitou o desafio e à hora marcada, compareceu no local escolhido.

Mas de balde esperou, com as suas testemunhas, horas e horas. Luiz Napoleão Bonaparte, ao saber que o conde de Baraglini estava decidido a bater-se, fugira a tôda a pressa de Florença, dizendo aos seus amigos que se via obrigado a faltar àquele *rendez-vous* de honra porque a rainha, sua mãe, o proibira terminantemente de bater-se e lhe ordenara que partisse imediatamente para Roma. E assim terminou o primeiro capítulo da vida amorosa de D. Juan Bonaparte.

EUNICE PAULA



O nascimento de Vênus, por Botticelli

da cabeça. Sobre o canapé do quarto estava estendido um traje completo de senhora. O príncipe vestiu as saias de baixo engomadas, enfiou o vestido, pôs o chapéu de palha de Itália, desceu o véu, embrulhou-se num chaille de Cashmira e, segurando nas mãos vários *bouquets* de flores, saiu de casa.

Andou, andou, e foi bater à porta do Palácio Baraglini.

— Que deseja? interrogou o porteiro.

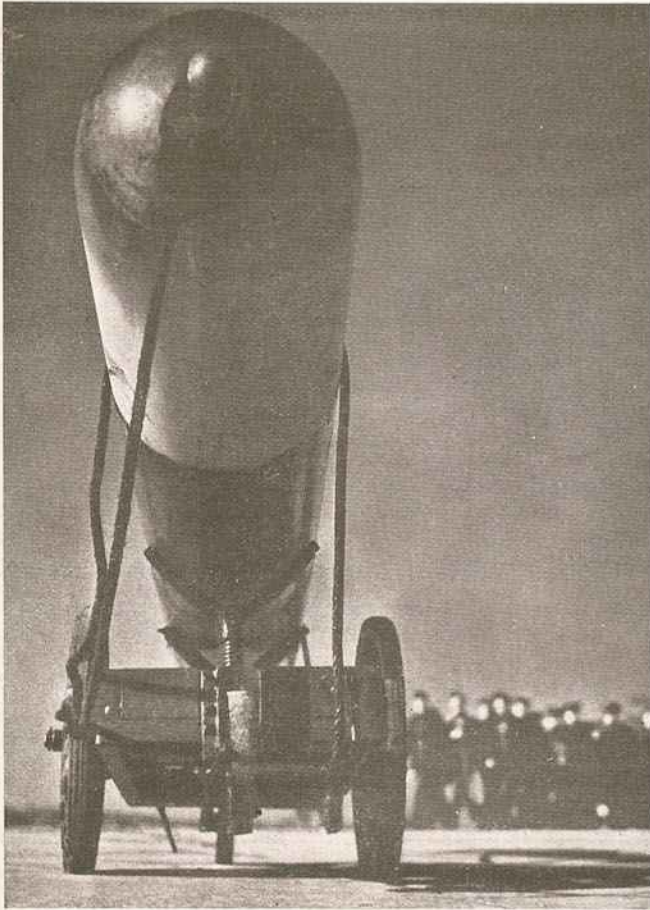
— Sou a florista da senhora — respondeu D. Juan Bonaparte em voz sumida, soerguendo as saias demasiado compridas que lhe dificultavam o andar.

A *contessa*, deliciosa no seu roupão de setim côr de rosa, pôs o livro que estava lendo e, sem reparar na florista, principiou a escolher os *bouquets*.

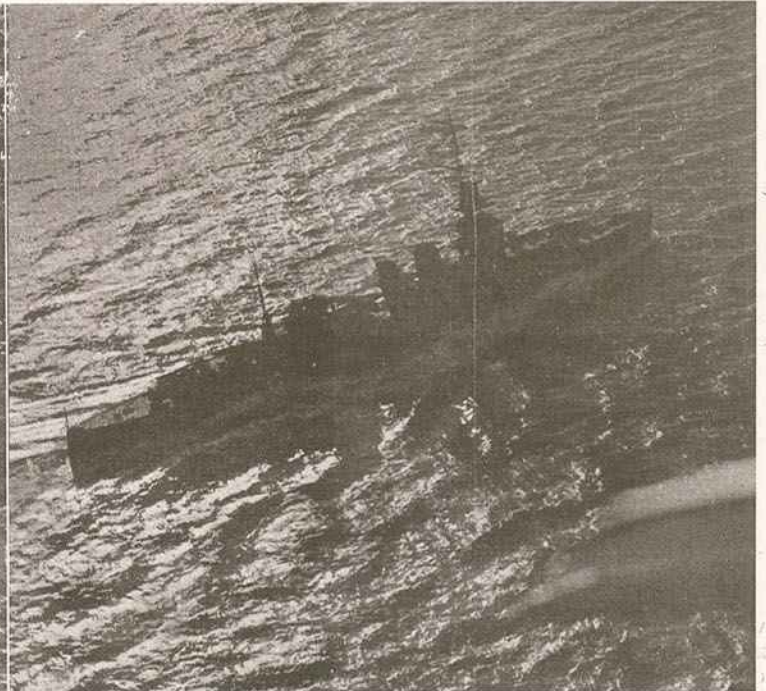
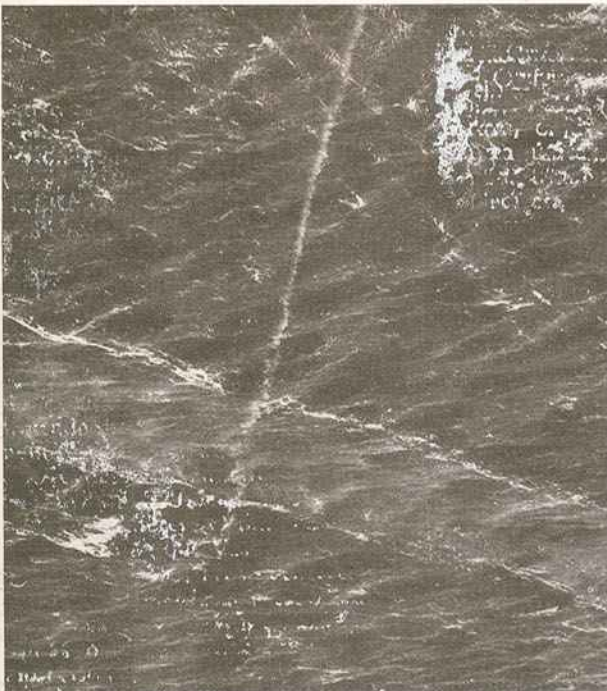
Mal a criada se retirou, fechando a porta, Luiz Napoleão, vendo-se a sós com a dama dos seus pensamentos, caiu de joelhos a seus pés e, brandindo numa mão os ramalhetes e noutra um grande punhal o disse, num tom de voz altamente patético.

— “Não posso viver sem vos possuir, antes morrer do que sofrer por mais tempo os tormentos que me despedaçam o coração e me amortalam a alma desde o primeiro momento que vos vi; ponde termo ao meu suplício, cedei ao

O NOVO TORPEDO INGLÊS



Um dos famosos torpedos que os novos aviões britânicos projectam por um processo original e cujos efeitos são fulminantes. — À direita, vê-se o avião, que vem duma grande altura, lançar suavemente o torpedo que irá através da água destruir o barco inimigo



Neste ponto ainda há poucos minutos flutuava um barco. Mas o torpedo, habilmente lançado, fê-lo submergir, rapidamente. Ficou, como se vê, o sulco deixado pela terrível máquina explosiva. — À direita, vê-se o barco atingido, descendo pesadamente como um fardo para o fundo do mar que lhe servirá de eterna arrecadação



Pierre Croix

O Império dos Sem-Deus, obra de Pierre Croix, pode ser considerado uma verdadeira obra-prima universal. Focando os costumes soviéticos no seu âmago, obteve o primeiro prêmio do Concurso Internacional de romances em língua francesa sobre o bolchevismo. Este triunfo avoluma-se ainda mais ao saber-se que o seu autor concorreu entre 109 escritores ingleses, franceses, alemães, espanhóis, russos e belgas, conquistando, apesar de tudo, a primeira classificação. Nada mais seria necessário para demonstrar que O Império dos Sem-Deus marcou o maior acontecimento literário de todo o Mundo.

Damos, a seguir, um trecho do primoroso romance, focando a mentalidade dos bárbaros do Século XX que, pretendendo uma sociedade nova, têm em vista arrastar o Mundo para a derrocada, pura e inaniçada, para o caos.

O comissário do povo em Odessa ceava. A bandeia, assente na mesa, iluminava-lhe o semblante. A chama, tremeluzante devido ao vento coado pelas frinças das portas, estampava-lhe claridades brutais e sombras brucas nas feições angulosas e ríspidas; destacava brutalmente, do fundo escurentado da sala, essa fisionomia marcada com o sêlo imperioso da vontade.

Natália, imobilizada na meia luz do aposento, mantinha-se atenta, pronta a satisfazer o menor desejo do temível carasco da Ucrânia. Klaus, porém, nada pedira, nada desejava.

Diante dêle via-se aberta a lata de conserva soviética, na qual mal tocara, a fatia de pão, o copo vazio e a bilha de água.

Não desfitava os olhos do papel que Karanzine lhe trouxera havia pouco, papel que rapidamente lêra e somente restava assinar: a ordem para a execução dos três refens. Vinte vezes o percorrera com a vista, outras tantas o fizeram estremecer os nomes nele mencionados: Alexis Andreiov, Fiedor Andreiov, Pedro Krilov.

O pai, o irmão, um moço que devia ser o irmão de Natacha.

À força de ler estes nomes, sentia como que baralharem-se diante das pupilas as letras que os compunham.

Todavia, continuava a manter no rosto a máscara da impossibilidade, a mesma que afivelára diante do olhar velhaco de Karanzine ao receber o documento das mãos do homúnculo.

— Está bem — dissera-lhe — virás depois buscá-lo. Ficarás sobre esta mesa, assinado.

Voltou a cerrar as pálpebras para passar na mente as horas negras de que tinha a existência cheia. Pelos latejos agitados do coração foi compelido a reconhecer quanto o passado lhe ficara enraizado na consciência.

Simultaneamente, porém, nele arreigava-se, com bruteza cruenta, a crença bolchevista que o compelia a descrever de tudo, a considerar como nebulosas visões essas lembranças do passado.

O pai não era aquele que lhe dera o ser, mas tão somente um rebelde; o irmão era aquele que a mesma mulher dera à luz, mas um inimigo perigoso do regime comunista.

— O pura e sublime revolução — discorria — destinada a transformar o universo e o coração humano! quanto ditoso me julgo por consentires que prove em semelhante contingência a cega dedicação consagrada à tua causa!

Natália intranquã, continuara imóvel durante a demorada meditação do déspota. Nunca lhe fora dado observar em qualquer homem concentração de espírito, discorrer íntimo semelhante. Choubine não passara de mero palrador que sómente manifestava os pensamentos pela exuberância das palavras, das pragas e da cólera.

Nunca surpreendera nele a menor abstração.

Assim pois, prendia-se na contemplação de Klaus com a deferência dos espíritos simples pelas inteligências superiores, e discorria que se tal homem a aconselhara a desposar Karanzine, fora por que evidentemente seria esta a melhor das resoluções que poderia tomar.

Bateram à porta.

Klaus, descerrou as pálpebras, escutou. Natália, assustada, levou a mão ao peito como se pretendesse refrear a palpitação violenta do coração. A partir do

UM LIVRO DOS SEM-DEUS

O IMPÉRIO

Publica-se um trecho do famoso

momento em que fôra assassinado o marido, não mais voltára a conhecer o que fôsse tranqüilidade de espírito.

— Vamos! Abre. É Karanzine...

A viúva obedeceu, mais foi Natacha quem surgia na soleira e nela se manteve momentaneamente imóvel.

Klaus, que defrontava a porta, cravou na desconhecida o olhar perscrutante e, por que fôra iludido na expectativa, espelhou ainda nas pupilas a impaciência. O homúnculo tornava-se-lhe insuportável pelo que nele existia de servilismo, de vileza e de carência de espírito; nomeára-o presidente do Soviete, porque a tanto o forçara ser Karanzine o único bolchevista puro residente em Bala. Mas, perante o rosto da visitante, tódá a irritação mal contida desapareceu dêle, apagando-se-lhe nos olhos a surda hostilidade revelada no primeiro instante.

Natália eclipsára-se.

Klaus não desfitava aquela que, na mais absoluta imobilidade, mas suficientemente distanciada da penumbra, lhe consentia contemplar a palidez esmaecida das faces, a atitude de calma coragem.

Do mais íntimo da consciência de Klaus surgia nesse instantâneo perturbadora imagem. Revia, a par dêle, a rapariga de quinze anos, que tanto amára na mocidade florida dos dezoto. Ambos caminhavam pela margem do rio, protegidos pela sombra dos salgueiros, e uma voz de timbre delicioso dizia-lhe:

— Klaus, porque anseias partir? Porque desejas afastar-te de mim? Como é possível que penses em abandonar a aldeia onde nasceste e partir para onde imperam os Vermelhos, para ignoro que infortúnio e desesperança! Klaus, em nome do nosso amor, não te apartes de mim! Desde a infância deixaste empedreir o coração, deixaste morrer nele a fé... Ouve, porém... Quem diz que eu não consiga, unindo o meu ao teu destino, amando-te mais loucamente de dia para dia, sarar o mal de que êle enferma, tornar-te confiante na vida, confiante em Deus? Fica!

Lembrava a hesitação que então o perturbára. Recordava que, apertando o braço dessa humilde filha de pescador, lhe dissera:

— Natacha, não esquecerás quanto ouvi dos teus lábios. Tentarei lutar contra mim próprio, vencer este anseio de fugir dos meus, de unir-me aos bolchevistas.

Caída, porém, a noite, como obedecendo a invisível força, fizera uma trouxa das roupas que possuía e abandonára o lar paterno.

E céteres, como em louca sarabanda, as recordações turbilhavam em volta

SENSACIONAL

DOS SEM-DEUS

romance de costumes soviéticos

dêle, aturdiam-no pelo brutal e inespereado ataque.

Natacha não desfitava também Klaus. Conservára sempre presentes na memória o rosto, o olhar, o aspecto do rapaz de dezoto anos tão loucamente amado. Nesse momento, porém, não conseguia ver no homem pensativo e grave que a olhava nada que o lembrasse. Pormenorizava-lhe estupefacta a fisionomia e apenas vagamente descobria nela um ou outro traço da que noutro tempo não se cansava de contemplar. As feições de Klaus sómente denunciavam as preocupações, as ansiedades, as intranqüilidades. A pele, em volta dos olhos, frefegava-se rugas precoces.

Perante esta transformação completa sentia-se como desoprimida. Quanto se decidira a procurá-lo, temera especialmente as surpresas do coração. Assaltara-a a incerteza ao pensar que, defrontando-o de novo, tódá a paixão de outrora a conquistasse, a dominasse, a ela que, perante Deus, era nessa altura esposa de Fiedor.

Não sucedera, porém, assim. O coração não lhe pulsara mais rápido, a paixão da sua primeira mocidade, que supunha animada ainda por lampejos de vida, estiora, morrera.

Com prazer íntimo constatava quanto Klaus se lhe tornara indiferente. Sim, deixára de o amar! Sem timidez, sem a mais leve sombra de perturbação mantinha o olhar fito nesse rosto tão mudado, tão irreconhecível. Sentia quanto pueril fôra o receio de ser compelida a defender, contra regressivo amor, o coração onde outro morava.

— Que pretendes de mim, Natacha? Querias provar-lhe que a reconheceria no primeiro relance.

Ouvido o nome proferido num timbre de voz mais sonoro do que outra, mais vibrante, mas no qual voltava todavia a encontrar a voz de Klaus no pleno viço da mocidade, Natacha sentiu-se perturbada.

Klaus surpreendera-lhe no rosto o instantâneo vislumbre emotivo. No intuito de restituír-lhe a serenidade, baixou os olhos. Nesse momento, o ansio dêle resumia-se também em ouvir-lhe a maviosidade da voz, reconhecer nela o mimo, a harmonia de outro tempo.

— Venho rogar-te o perdão dos três homens que serão fuzilados amanhã.

Sim, essa voz era a mesma que tanto amara.

Quedou-se silencioso. Impondo silêncio aos lábios, mirava-a contemplativo.

— Impetro o perdão de teu pai, de teu irmão, e do meu! — proseguiu.

— És três homens devem morrer, visto representarem a aldeia revoltada.

— Foste aquele que os condenaste; podes obstar a que morram!

— Como homem, não desejaria riscá-los do número dos vivos; mas, na qualidade de comissário do povo da República dos Sovietes, devo destruir implacavelmente quanto ameaça o edificio social que tão laboriosamente erguemos.

— Mas atende, Klaus, a que se trata de teu pai!

— Não reconheço por meu pai esse inimigo do bolchevismo!

— Todavia, deves-lhe o ser... És tu quem ordena que o fuzilem!

— Trata-se duma execução em obediência às leis! — ripostou, espelhando no rosto a inexorabilidade da resolução.

— Imploro-te, Klaus!

— Se Alexis Andreiov figura entre os refens, foi porque a sorte assim o quis!

— Não o creias. Foi êle próprio quem se condenou.

— Igual procedimento foi o de Fiedor, quando esta manhã veio ao meu encontro nos postos avançados, e creê que lhe admirei a coragem!

— Melhor fôra que lhe houvesse parado.

— Exerço um cargo que não admite fraquezas, pusilanimidade!

— A crueldade tanto empedreniu o teu coração, que absolutamente nada pode comovê-lo, nem mesmo os sentimentos mais naturais nos homens, — nesses cuja felicidade pretendes fazer, mas que tornas desventurados como nunca outros o foram no mundo! Volve o olhar para esta aldeia, vê o que tu e os teus nela fizermos!

— Porque tu e os teus são insummissos, rebeldes! Nem sempre viverão, porém, de ilusões! Dia virá em que abrirão os olhos! Se o não fizeram até hoje, é porque não ouviram ainda a boa doutrina pregada pelos nossos professores, não seguiram o ensinamento dado pelas nossas fitas cinematográficas. Milhares e milhares de Sovietes rurais, bem mais pobres do que êste, sacrificaram-se para construir escolas, salões de animatógrafos. Choubine nunca conseguiu nada dos habitantes de Bala. Mas o que não fizeram de boamente, impor-lho-ei recorrendo à força!

— Faz quanto quizeres de futuro, visto seres o senhor, mas hoje...

Klaus levantou-se. Natacha seguia-lhe os gestos, arquejante, pois via quanto no íntimo dêsse homem lutavam os mais encontrados pensamentos.

— Tudo quanto posso conceder — proseguiu com visível esforço — é que outros substituam os três condenados. Mas ninguém quererá prestar-se a tanto, pois que a-pesar-de viverem na crença de que Cristo é o Salvador de todos, ninguém cuida em corajosamente juntar-se-lhe!

— Desilude-te! Existe alguém que tomará o lugar de Alexis Andreiov, eu!

— Tu!? Mas se és a única cuja sentença de morte sómente assinaria quando nenhum outro recurso me restasse!

— Recusas-me, nesse caso?

— Recuso!



— Todavia, na República soviética as leis não diferenciam o homem da mulher!

— Queres então morrer?

— Foi grande o mal que me causaste, Klaus; não importa, porém. O meu sacrificio obstará a que te apontem como parricida!

— Sou apenas uma força ao serviço de uma potestade sobrehumana: a revolução!

— Aceitas-me, então?

— Não posso pôr entraves à tua libertação.

— Nesse caso ordena que Alexis Andreiov seja posto em liberdade e eu lhe ocupe o lugar.

Klaus contemplou-a demoradamente. Hesitava. Depois, num assomo brusco, tracejou o nome de Alexis Andreiov e, sem que a mão lhe tremesse, substituiu-o pelo de Natacha Krilov. A seguir, nas últimas linhas da fôlha, escreveu a ordem de pôr imediatamente o velho camponês em liberdade.

Quando a mão de Natacha já se estendia para receber o documento oficial, Klaus atirou-o de arremêço para sobre a mesa.

— Não! mil vezes não! — decidiu — Não aceito semelhante troca!

— Impõe-se que a aceites!

— Porquê?

— Por que fui eu, eu só, quem solto o grito da revolta!

— Tu? — exclamou descrente.

Fiedor lutava com os bolchevistas, que pretendiam assassiná-lo, na sala da herdade que conhece. Foi então que saf e, como louca, gritei aos camponeses sentados no pátio durante o descanso da debulha: "Socorro! Querem matar Fiedor! Revoltem-se!" E o grito de revolta saíu de todos os lábios!

Klaus, friamente, voltou a pegar no papel e entregou-o à filha do pescador.

— Leva esta ordem a Karanzine. Encontrá-lo-ás no Soviete.

Natacha, sem tremer, pegou na sentença que a condenava à morte.

— Adeus, Klaus! — disse simplesmente. E saiu.

QUANDO SER RESTAURADA A IMAGEM DA VIRGEM DA VITÓRIA?

UMA DÍVIDA SAGRADA QUE O PORTO TEM DE PAGAR

fim Soares dos Reis já farto de ouvir tanta blasfêmia, no fim de contas, lhes teria ficado muito má — Mas os senhores conhecem o seu autêntico melhor.

Os mesários não compreenderam, como se não se tratasse de uma tal cerimónia repleta de calcular, mas, para evitar uma discussão estéril. Foi então que os invejosos, aproveitando que se sentiam mal, pagaram o combinado, e a ignorância dos mesários, investiram em manada, e fizeram uma firme disposição de ferir o Mestre.

— No fim de contas pouco se perde — teria dito Mas apesar de tudo a caravana foi passando... um deles quando se encontraram na rua — quando quizermos podemos chamar um saniteiro que porá a imagem nas condições.

Nisto mostraram ser mais boçais que os de Figueiró dos Vinhos ante as *Alminhas* que o saudoso Malhoa lhes pintou.

Sábiam eles quem era o grande pintor! Conheciam-no apenas pelo "senhor Zé", que pintava umas coisas, e daí talvez ele fosse capaz de fazer o painel de que a freguesia precisava. O António Funileiro era homem para dar conta do recado, mas podia levar muito caro... Talvez o "senhor Zé", no caso de se achar com habilidade para a obra, a fizesse mais barata.

Malhoa riu daquela simplicidade aldeã, e prometeu pintar as *Alminhas*, marcando praso para as virem buscar. Quando os pobres camponeses entraram em casa do artista, e quando não passava de pouco ou nada, e de pouco ou nada se mereciam.

Foi em 1932 que a Imprensa se referiu ao caso com grande desenvolvimento, chegando um jornalista português a entrevistar o saniteiro que propôs a sacrilégio mutilação.

Tratava-se do sr. Américo Gomes que lealmente confessou:

— Venha daí, senhor Zé, venha ali beber do nosso vinho. — Fui eu, desgraçadamente para mim, o autor desse crime de lesa-arte.

— Foi, porém bem contra vontade, forçado pela

situação de miséria em que me encontrava e também por não possuir, então uma suficiente educação artística, que me imporia, decerto, o imperioso dever de não tentar requerer a mais ligeira alteração a esse trabalho de Mestre Soares dos Reis. Reconheço que pratiquei uma verdadeira monstruosidade. E disso desejo e quero penitenciar-me publicamente de maneira a que esta minha atitude possa evitar a repetição de outros casos idênticos.

Após este rasgo de sinceridade, continuou:

— Desde muito novo dediquei-me a trabalhar como "saniteiro", esforçando-me sempre por encontrar a perfeição na realização dos meus trabalhos. Com o advento da República, a arte religiosa em Portugal entrou numa fase de decadência que me obrigou a emigrar para o Brasil, em 1911. Cinco anos depois regresssei, em situação económica extremamente difícil. E, apesar de tudo, decidi-me a continuar a trabalhar como saniteiro, embora me tivesse demorado pelo Brasil, na prática da vida comercial. Lutei com inúmeras dificuldades. Certo dia do verão de 1917 fui procurado pelo meu antigo camarada e pintor de imagens religiosas, Manuel Pinto de Oliveira, que, apiedado, talvez, da situação quase miserável em que eu então me encontrava, me convidou a restaurar e modificar a Virgem da Vitória. Como eu soubesse que se tratava duma obra de Mestre Soares dos Reis, saliente a esse meu camarada que isso era um caso muito grave, ao que ele me respondeu nestes termos: "Se não quizeres, não falará quem queira".

"E convenci-me de que assim seria, na verdade... Aceitei o encargo pelo preço de 40\$00. E, durante 15 dias, trabalhei nessa obra, procurando satisfazer os desejos dos mesários da Confraria da Vitória, que pretendiam que eu "honestizasse" o panejamento da imagem, lhe modificasse a posição da mão direita e lhe arranjasse outra cara — um rosto divino". Pretendiam também que eu alterasse o Menino Jesus, que eles consideravam demasiadamente nutrido.

Não tive coragem de modificar o bambino, de tal modo me impressionou a beleza da sua factura, duma inexcusável perfeição, duma maravilhosa harmonia de linhas...

Já lá vão quasi seis anos sobre esta confissão, e até hoje — que nos consta — ainda não se procedeu ao necessário desagravo da Virgem e do seu genial escultor.

Mas se os mesários da Confraria da Vitória, honrando a memória dos seus antecessores, persistem em ter uma imagem com "expressão divina", embora nunca lhe tivessem encontrado o modelo que Soares dos Reis solicitara, dê-se-lhes uma virgem que qualquer saniteiro à sua escolha poderá fazer sem hesitar, e segundo as indicações que entenderem. Entretanto, restaure-se o trabalho do estatuario insigne para enriquecer o seu Museu onde tantas preciosidades se acumulam já.

O Porto tem essa dívida a pagar. Se

sobre a França ainda hoje pesa o crime de decapitação de Maria Antonieta que era uma rainha perdulária, calcule-se a enormidade da culpa que pesará sobre uma cidade em cujo seio foi degolada a sagrada imagem da Mãe de Deus.

GOMES MONTEIRO.



Outro aspecto da formosa imagem que Soares dos Reis modelou, dando-lhe vida a sua alma de artista



A primitiva moldura da Virgem da Vitória, tal como Soares dos Reis a modelou



A imagem da Virgem da Vitória modelada pela mão prodigiosa de Soares dos Reis

PASSANDO hoje o 49.º aniversário da trágica morte do genial escultor Soares dos Reis, surge-nos à memória a espantosa mutilação da Virgem da Vitória que o mesmo excelso artista modelara com as suas mãos prodigiosas.

Já decorreram vinte anos sobre esse crime de lesa-arte e ainda se ignora se a famosa imagem foi restaurada como, em princípio, ficara assente.

Os mesários da Confraria da Igreja Paroquial da Vitória, do Porto, pretendiam uma imagem, e, como ouvíssemos dizer que o melhor artista para a executar seria Soares dos Reis, foram à procura dele à sua oficina da rua de Malmeiradas, e deram conhecimento da incumbência. Escusado será dizer que os tais mesários procuraram Soares dos Reis como poderiam ter procurado o mais humilde saniteiro, visto a sua cultura artística não dar para mais. Se, para fazer um fato indicassem a qualquer deles um albardeiro, envolvendo-o em rasgados elogios, iria procurá-lo sem hesitar. O que era preciso era o fato, albardado ou não, mas que tivesse a etiqueta do confeccionador.

Com tal freguesia como não havia o genial artista de fugir, a toda a pressa, dos vivos!

Encomendada a imagem, Soares dos Reis pôs toda a sua alma na realização do trabalho. A cidade Invicta ficaria possuindo a mais bela Virgem que até então saíra do cinzel dum estatuario!

Serviu de modelo uma tão formosa quão honesta rapariga residente na rua de Luiz de Camões — a "Mariquinhas Castanheira", — que o artista tinha como modelo favorito.

Concluído o trabalho, os mesários, impacientes de ignorância e petulância ridícula, foram examiná-lo na própria oficina de Soares dos Reis.

Segundo a definição dum crítico ilustre, estava ali "um corpo divino de mulher sustentando em seu braço esquerdo o corpiño leve e rosado dum formoso bambino que ficou sendo, na sua expressão muito doce e ingénua, o mais lindo Menino Jesus dos altares de Portugal".

Pois os mesários deram-se também ao luxo de criticar:

— Sim, as figuras não estão más... não queremos dizer que não estejam parecidas... mas o rosto da Virgem não tem "expressão divina". E, já agora, diremos também que o Menino Jesus é humano de mais para o efeito.

Miguel Angelo teria corrido, de sarrafo em punho, aquela matilha de parvos, como algumas vezes fez, por muito menos.

Soares dos Reis, sempre indulgente até com a ignorância pretenciosa, limitou-se a sorrir. É possível que, fitando aquele Menino Deus, se recordasse da frase que ele teve, quando homem, ao expirar na Cruz: "Pai, perdoai-lhes que não sabem o que fazem".

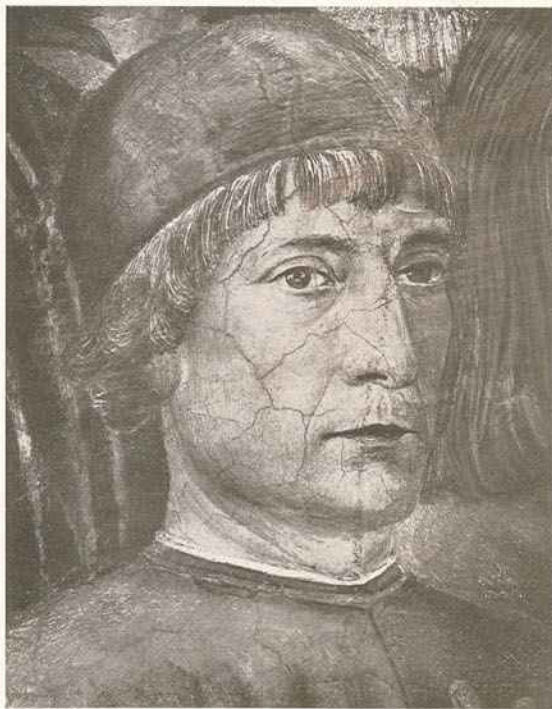
Mas os fariseus mesários continuavam na sua teima:

— A Virgem não tem expressão divina e o Menino Jesus também é humano de mais.

— Expressão divina?! — replicou por



O genial escultor Soares dos Reis, segundo um desenho a carvão pelo grande pintor Carlos Reis.



Retrato dum Embaixador de Portugal em Roma, pintado por Cosimo Rosselli. (Pormenor do fresco que abaixo se reproduz, representando o Sermão da Montanha e a Cura do leproso)

Não há português nenhum, de excursão, que ao passar em Roma, deixe de ir ver o Papa a Castel Gandolfo, ou o pôr-do-sol por um óculo de vistas, no patamar do Pincio, donde o raio-verde lá para as bandas do Janículo, opalisa a Cidade Eterna e roman-

tisa as ternuras dos namorados. Alguns, porém, com mais demoras turísticas e maiores curiosidades no saco, vão deliciar-se com o *Nu da Paulina*, na Vila Borghese e verificar pelo catálogo, as infinitas obras do Museu do Vaticano. Destes há uma série mais audaz, que bota



O fresco representando o «Sermão da Montanha e a Cura do Leproso» que Cosimo Rosselli pintou em 1482, e no qual figura o retrato do Embaixador de Portugal

NA CIDADE ETERNA O curioso retrato dum Embaixador Português

que Rosselli pintou

pela galeria fora á procura duma salva de prata do Leitão, que um rei de cá ofereceu a um pontífice de lá, e a gosar as pinturas de Rafael e as doutros artistas de quem não quer saber o nome, salvo do Miguelângelo do qual sabe tudo, pelo menos. A maior parte desta parcela dos meus patricios viajeiros, espanta-se com os aposentos dos Bórgias e por fim desagua na Capela Sixtina, cortando corredores e descendo degraus, sem olhar para os lados e desejosa de abancar no cadeirame do templo, com o lúzio espeçado na parede do fundo e o nariz arrebitado para o ar, numa louvável e justificadíssima admiração pelo Miguelângelo todo, achando-o, ainda assim, um bocado sujo e abusivo de pessoal em pélo. No entanto, toda esta boa gente concorda nos louvores ao jeito que o colossal artista tinha para a realização de tão grandes obras, queixando-se apenas do jeito mau que deu ao próprio pescoço, ao inspecionar o teto, com tantos profetas, escravos e sibilas em posições torcidas, que só por milagre não vêm estatelar-se cá em baixo, em cima dos milhares e milhares de mirones que as procuram diariamente. Chegam ali e, aproveitando as bancadas para darem descanso ás pernas, deixam-se de boca aberta fingir de absorvidos. É um regalo ver os peregrinos a suar e ouvir-lhes os comentários, que variam consoante a nacionalidade de cada. As inglesas tomam notas, as francesas repontam e as alemãs babam-se. Trazem binóculos, espelhos, guias para explicações e até trazem sanduiches. Os portugueses, no geral, só trazem pressa.

Júlio II e Clemente VII, logo depois de nósoutros termos descoberto o caminho mais curto para a Índia, atterolharam ali aquêlê formidável e desassossegado Artista, e obrigaram-no a descobrir o génio do século, com aquêlê tumultuoso Juízo Final e aquelas complicadas centenas de figuras bíblicas, encaixadas nas cornijas e nos engenhos do teto, até que Paulo III, já a meio do século, com melhor respeito pelo genial velhinho, que ali viveu e soufreu os mais atormentados e gloriosos anos da sua existência, lhe deu a obra por pronta, quando ia na volta dos setenta. As caravanas têm bastante razão em olharem só para êle! É que na verdade...

Mas os portugueses têm outras obrigações. Nas paredes do lado, da Capela famosa, também há obras que ver e muito que admirar. Cada muro tem seis painéis enormes, estupendos de composição e formosíssimos de gôsto. São assignados por Botticelli — que foi o director desta decoração, muito antes de Buonarroti lá

ET ERNA Embaixador Português

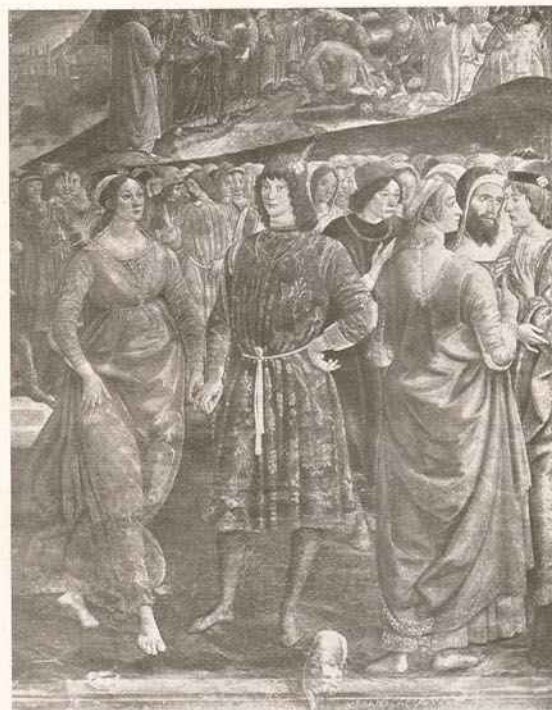
na Capela Sixtina

entrar — por Ghirlandaio, Pinturicchio, Signorelli, Piero de Cósimo, Perugino e Rosselli.

Ora êste último, por ventura o menos conhecido em Portugal, é quem nos interessa mais aqui dentro. Sabe-se que Miguelângelo homenageara o nosso gesto recente de descobridores de povos novos, incluindo num dos seus painéis, a figura exótica dum índio, possivelmente em atenção ao seu amigo Francisco de Olanda; mas ignora-se que Rosselli pintara ali ao lado, o retrato em corpo inteiro dum *Embaixador Português*, com a sua capa fidalga e o seu barrete diplomático, entre gente de bem e gente devota, enquanto Jesus, no cimo dum montículo, prega o seu *Sermão da Montanha*. Êste quadro, que se divide em dois, mas a fingir que é um só, visto do lado esquerdo Jesus fazer o milagre da *Cura do leproso*, tem em lugar de grande destaque, e fitando-nos com imponência soberba, quasi desatento á prédica do Senhor, o tal português que conversa com outro personagem de costas. No magote das pessoas que lhe ficam atrás, há quem afirme ver-se a effigie do pintor. Quer dum lado quer doutro, do painel, há vários retratos de jeito realista, sendo o mais notável o do nosso compatriota, indubitavelmente copiado do natural. No seu desenho severo e no seu modelado sóbrio, existem os traços característicos das algumas figuras que anteriormente Nuno Gonçalves gravara.

Seis dêstes painéis da Capela Sixtina historiam a *Vida de Moisés*, no Velho Testamento, e a outra meia dúzia conta a *Vida de Jesus*, no Novo Testamento. Cósimo Rosselli pintou uma fase de cada Testamento, e no Velho, ao representar a *Adoração do bezerro de ouro*, estampou igualmente em sítio importante que faz parêlha com o nosso Embaixador, a imagem dum condotiero galante, de mão dada a uma matrona, cujas graças e desenho lembram, em forte, as delicadas criações de Botticelli. Não sabemos quem seja êste par que se apresenta como noivos á saída da igreja, mas devem ser pessoas de marca, para Moisés nas suas fúrias de quem pragueja com as tábuas da Lei, nas mãos, consentir em tê-lo em plano igual ao seu. No outro fresco, o *Ambasciatori del Portogallo* tem honras irmãs, e Cristo não lhe ralha tampouco. Convém saber dêstes privilégios de situação.

Sixto IV, o papa que deu baptismo a esta Sixtina e que Melozzo da Forlì — da terra de Mussolini — pintou a receber o bibliotecário Platina, ao escolher tão brilhante brigada de artistas para enri-



Pormenor do fresco «A Adoração do Bezerro de Ouro», pintado por Cosimo Rosselli, na parte que diz respeito ao par amoroso, cujas graças lembram as criações de Botticelli

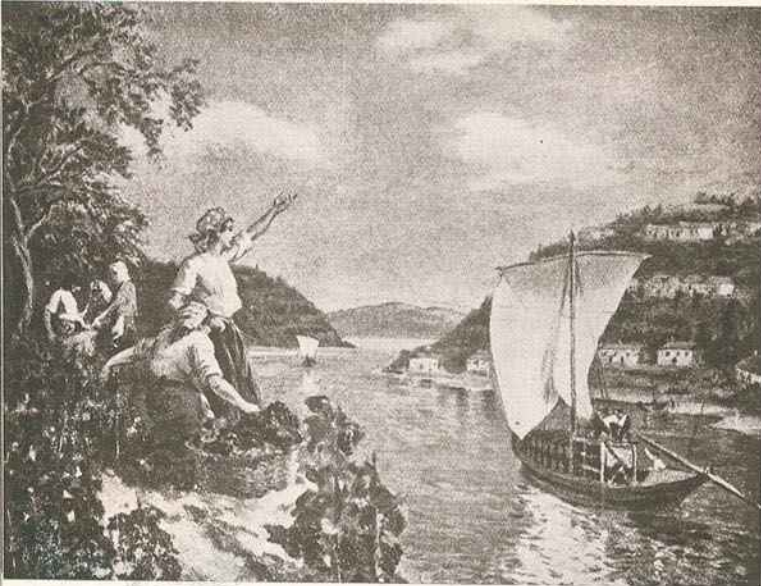
quecerem estas altas paredes com tão admiráveis frescos, não esqueceu o famoso pintor Frei Diamante, e num gesto de gratidão que bem lhe ficou e é igual à que nós lhe devemos a êle, mandou retratar todos os papas seus antecessores. O do Embaixador Português, cuja identidade ignora, a-pesar-de ser fácil descobri-la, fica nestas páginas reproduzido para aqueles que se dão ao gôzo das decifrações, por direito de sabedorias, esclarecerem os artistas, a quem ête interessa em especial, por ser português e estar ali tão repimpado de altitude, e, acima de tudo, por ser de esplêndida pintura como é. Estampamos também as cenas completas dos dois Testamentos, de Rosselli, assim como o pormenor galante do mais velho, para que os portugueses que não conhecem o raio verde de Roma nem as maravilhas de S. Pedro, possam

avaliar dos méritos do grande pintor florentino, ao qual devemos o favor de tão belo retrato e da diplomacia. Quem me diz a mim que êle não poderá iluminar o juízo da quem dos perseverantes amadores, que andam pelas Janelas Verdes em cata dos segredos daqueles Senhores que rodeiam o Infante?...

DIOGO DE MACEDO



O fresco «A Adoração do Bezerro de Ouro», pintado por Cosimo Rosselli na Capela Sixtina. À direita, em primeira plana, vê-se o tal par de noivos da namorada; possente com o maior naturalismo, representa o côtero de Moisés que, ali no fundo, se tolhe a lá em punho, protesta indignado contra a abominável idolatria



Transporte do vinho Graham através da região duriense

Guilherme Graham Júnior & C.^a

UMA das mais fortes organizações industriais no nosso País é incontestavelmente a firma Guilherme Graham Júnior & C.^a, de cuja longa vida respigamos algumas curiosas notas.

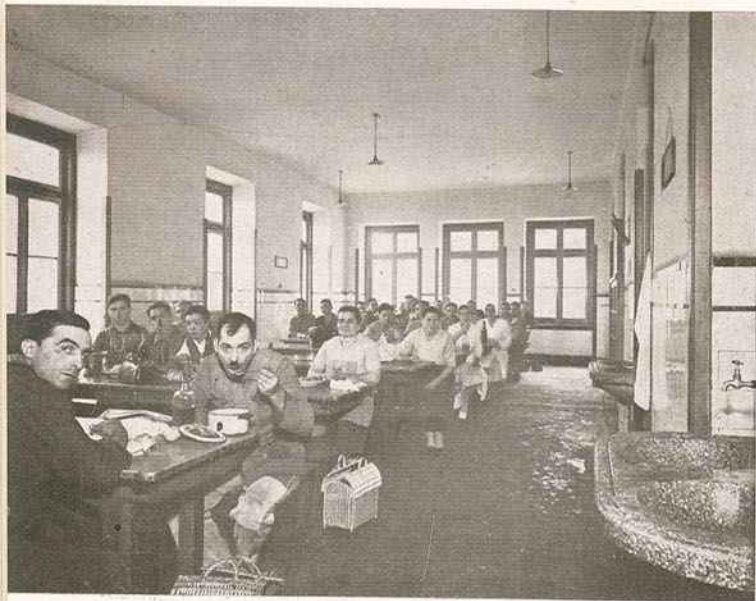
Foi em 1784, que se fundou na cidade de Glasgow, da Escócia, a casa William Graham & C.^o, proprietária de importantes fábricas textis, localizadas perto do rio Clyde. Em 1608, por ocasião das guerras napoleónicas, William Graham Júnior, com o objectivo de promover entre nós a colação e venda dos seus produtos, estabeleceu-se Lisboa, sob a razão social William Graham Júnior & C.^o e pouco tempo depois seu sobrinho John Graham fundava a casa do Pôrto, que inicialmente se denominou John Graham & C.^o, entrando mais tarde em sociedade com a casa de Lisboa, sob a firma W. S. J. Graham & C.^o, para o comércio de vinhos do Pôrto, negócio este iniciado em 1826. Durante cem anos, exportou vinhos das mais finas qualidades, em quantidade suficiente para encher cento e vinte milhões de garrafas ou sejam setenta e cinco milhões de litros. Os seus armazens da Quinta do Agro, expressamente construídos pela firma, dispõem no seu corpo central, de uma capacidade para dez mil pipas, e ainda de uma tanoaria devidamente apetrechada. Possui também na região duriense, perto do Tua, a Quinta de Malvedos e na Regoa uma completa organização para armazem de aguardente.

Estes vinhos têm mantido sempre as mesmas características que o tornaram bastante conhecido e justamente apreciado.

Quando da breve estadia do ilustre Embaixador de Inglaterra, realizada na semana finda, o ilustre diplomata visitou em Gaia as instalações desta firma.

No ramo propriamente industrial possui a actual firma Guilherme Graham Júnior & C.^a a Fábrica de Estamparia e Tinturaria de Braço de Prata, edificada em 1889, a Fábrica de Fiação e Tecidos da Boa Vista, no Pôrto, instalação verdadeiramente modelar que dignifica a indústria nacional, e ainda a Fábrica de papel da Abelheira, no Tojal, muito conceituada no País.

Com cento e trinta anos de actividade em Portugal a Casa Graham que proporciona trabalho a milhares de operários, trabalhadores e empregados, representa um valor deveras apreciável na Economia Nacional.



Um aspecto do refeitório da Refinaria Colonial

ACTIVIDADES INGLESAS EM PORTUGAL

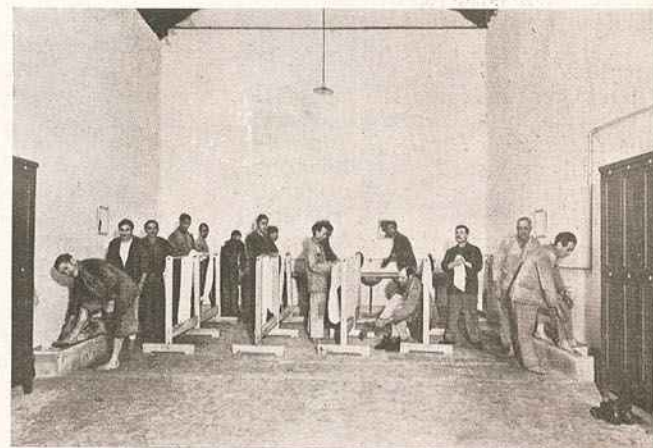
As relações políticas entre Inglaterra e Portugal, estreitando-se cada vez mais como o confirmou a recente visita a Lisboa da Esquadra da prestigiosa Marinha de Guerra Britânica, correspondem também as mais íntimas ligações industriais e comerciais. É a Grã-Bretanha, o nosso melhor mercado e ainda o maior fornecedor do nosso País, como muito bem acentuou o seu ilustre Embaixador, na Associação Comercial de Lisboa, que, na semana finda visitou. São bastantes numerosas as empresas inglesas estabelecidas entre nós, e algumas delas centenárias, exercendo as suas actividades, principalmente em Lisboa, Pôrto, Ilhas Adjacentes e Ultramar.

Na navegação estrangeira frequentando os nossos portos, tanto em navios de passageiros ou excursionistas, como nos barcos de carga, cabe ao seu pavilhão o primeiro lugar, muito distanciado ainda dos demais.

Sena Sugar Estates, Ltd.

Nas estatísticas da exportação referente à nossa florescente Província de Moçambique figura o açúcar como sua principal rúbrica. De entre as empresas que se têm dedicado a esta cultura destaca-se por várias razões, todas dignas de especial registo, a Sena Sugar Estates, Ltd.

Possue no Luabo e em Marromeu duas fábricas devidamente apetrechadas, produzindo em excelentes condições as ramas que são transpor-



Os operários preparam-se para a saída...

tadas para Lisboa. Aqui, na Avenida da Índia, tem instalada, nas melhores condições, a Refinaria Colonial que as transforma no excelente açúcar Hornung, tão justamente apreciado no nosso País.

As suas instalações de ordem técnica, que são absolutamente perfeitas, correspondem as que dizem respeito à higiene e comodidade do seu nu-



Um aspecto dos vestiários

mero pessoal que ali dispõe de vestiários, um balneário, refeitório com biblioteca e ainda um consultório médico.

Com o trabalho proporcionado a tantos homens em África, com o transporte de muitas toneladas de rama para o Continente e com o pessoal da sua Refinaria de Lisboa, a Sena Sugar Estates desenvolve uma notável actividade, exercendo sensível influência em vários ramos da Economia Nacional.

Acresce ainda, como nota simpática, que os seus dirigentes, a família Hornung, são sinceramente amigos de Portugal do que têm já dado concludentes provas.

Eis em poucas palavras o que é e o que vale a Sena Sugar Estates a quem se deve o excelente açúcar Hornung.

A ACTIVIDADE DA ALEMANHA



A nova indumentária que a Alemanha apresenta para protecção anti-aérea. O sub-secretário de Estado, Lloyd examinando-a



O marechal von Mackensen, de 89 anos celebrando com os cavaleiros da Ordem «Pelo Mérito», o aniversário de Frederico, o Grande



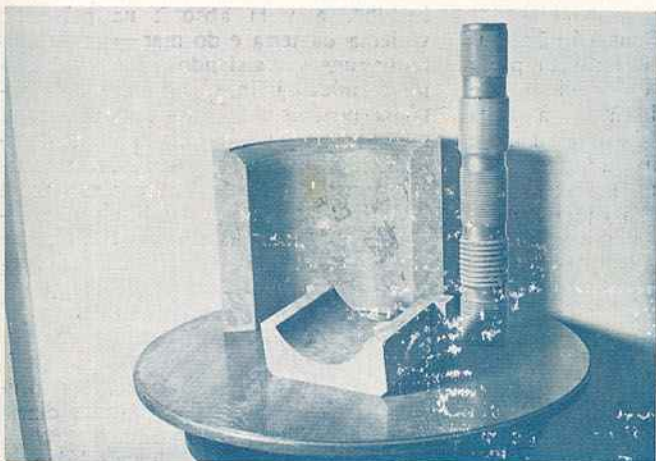
Olga Slawska, primeira bailarina polaca, na «Canção da Terra»



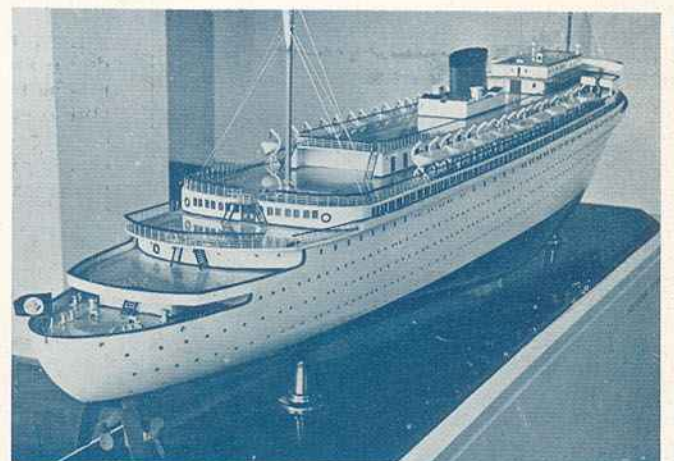
Garnisch, que é o coração do desporto da neve alemã



A inauguração da I Exposição de Arquitectura em Munich



Matérias primas sintéticas na Alemanha. Peças de estopa com resina artificial prensada que substitue o cobre



Modêlo do barco com todos os progressos da técnica moderna para transporte de estudo e recreio dos operários



11 20 de Junho.

O *Africa* espera, ao largo. A despedida, no cais, é cerimoniosa, fria. Só Miguel Correia — alma de herói, coração magnânimo — tem os olhos entristecidos, enevoados de lágrimas.

No bote, acompanham-nos Abílio de Macêdo, presidente da Câmara, com cara de pau, impassível; Carlos de Vasconcelos, do Conselho da Província, concentrado, repuxando os pêlos do pequeno bigode, o tenente Roboredo, ajudante do Governador, protocolar, quasi solene, e Fonseca, administrador do concelho, insignificamente reservado...

Chuveira! É bem raro, em Junho... Prenúncio de bom ano agrícola; lem-



No regresso

Na partida bra-me de que o prometi ao velho preto dos Flamengos, e fico contente de me ver assim, molhado. Desce a escada pelo portalo, e faz-se o embarque, ginásticamente, evitando o rebrantar da vaga.

O navio vem abarrotado de passageiros. Sou aquartelado no beliche 27, já ocupado pelo tenente Arruda e pelo professor João de Almeida, que vêm de Angola.

Ainda ouço o general Sá Cardoso altermar sobre o camarote que lhe distribuem: querem acamará-lo com o almirante Câmara Leme, que vem também de Angola, e êle reclama um camarote só para si — o impossível... Este bom general não cede nada das suas prerogativas!

Parece-me que cessou a comédia dos grandes de Portugal exilados, em que representei seis mezes, ao descer eu para as profundezas do *Africa*, a uns tantos metros da coberta, onde ficam os camarotes dos meus quatro consócios da política — todos ex-ministros e dois ex-Presidentes de Conselho... De bom grado aceitará o próprio porão desde que lá encontrasse sossego e silêncio.

Ao jantar, porém, encontro-me à meza do comandante do navio, ao lado dos meus habituais companheiros... Não se desce facilmente dos pináculos da glória!

O *Africa* levanta ferro; são quasi 22 horas.

Fico no tombadilho até muito tarde; fumo e cismo...

Costeamos, pelo oeste, a ilha de S. Tiago, a que tantas saudades me prendem. Aqui e além clarões de fôgo, rompendo a noite cerrada.

E sinto já a minha alma europeia em frente à minha alma africana... Como se debatam!

Depois desta passagem por Cabo Verde, convenço-me que, em opostos climas — latitudes afastadas, solo geologicamente diferente, com outra flora e outra fauna, o céu diverso — é como se encarnássemos em novas vidas: não é a mesma ansia de sonho que nos eleva, não tem o mesmo ritmo o pulsar do nosso coração... Nem será a mesma a cor dos nossos olhos!

Louvores a Deus, só não mudou o meu carácter: é sempre a mesma lernura que me inunda, e abre o meu peito à dor, à alheia desgraça, a mesma tolerância de espírito, na simpatia humana dominadora do meu ser; mas é também a mesma rijêza do aço nas decisões e nos actos, e na indominável braveza de orgulho, o mesmo desprezo para os poderosos do dia e o desdém invencível pelos vaidosos que contam com o poder de amanhã...

Ardo em febre.

No beliche, o calor aumenta no ar abafado. E os meus companheiros dormem a sono solto! A madrugada surpreende-me de pé, debruçado à amurada. Sonho e cismo...

NA VASTIDÃO

REGRESSO À TERRA NATAL

O SONHO INCOERCÍVEL

Às 9 horas avista-se terra: parece um penedo enorme — a vista calcula uma, duas léguas...

A neblina, de súbito, estende-se pela amplidão das águas.

Meia hora depois, clareia...

E as ilhas de Santa Luzia, e S. Nicolau avultam: distingue-se o seu perfil, surgindo, e na última, a sueste, manchas de povoados em acidentado relêvo. E lembro-me de Betencourt Rodrigues, cuja amizade não cessou nem diminuiu no temporal político que nos separou: nasceu aqui.

Às 10 e 1/2 já se alcança a ilha de S. Vicente: maciços montanhosos, picos em sucessivos planos. Mais alto, divisa-se Santo Antão, como uma nuvem pardacenta, esfumando-se ao longe.

Chuveira sempre...

No mar azul sombrio, cortado de franjas brancas das ondas, o barco avança, apressado: sente-se bater, aceleradamente, o seu coração... Rasgo papéis, que atiro ao mar; versos, que são os primeiros que escrevi, e serão os últimos, sepultam-se nos rolos de espuma que o *Africa* levanta: a página da minha vida, em que êles foram enganadoras irisações, apaga-se na neblina que, de novo, varre o Oceano.

E os meus olhos descansam lendo Tolstói: — para compreender a arte como a vida, "é necessário a simplicidade de creança ou a altura dum Descartes"... Repareceu o sol magnífico.

A costa recorta breves penetrações, calhetas minúsculas, entre elevações sucessivas. Num dos picos sobranceiros há uma pequena moradia, tódá alvura. E' a moradia isolada dum excêntrico? Eu queria acabar num mirante assim, contemplando o Oceano, até os olhos, para sempre, se me cerrarem.

Ah! o sabor salino do ar desta manhã! Indefinível mixto de deliciosa frescura e de trespassante angústia...

Estendido na cadeira de lona, no tombadilho, a vista absorba na paisagem violenta da terra e do mar — penhascas monstruosas, atalaiando a costa de redutos formidáveis, nas avançadas da montanha nua, sem árvores, sem povoados, solo estéril de picos despedaçados, de labirintos plutónicos, impiedosamente varrido pelas lestadas, cujo sopro estremece as ondas num arrepiio febril — que successão vertiginosa de impressões fortes e alucinantes nos passam pela alma, confusas, perturbantes, simultaneamente carícia voluptuosa e vivo rasgão de espada!

Agora abre-se uma baiazinha, que termina num promontório, onde se alteia um farol. Rumamos para nordeste; apuram-se falésias denegridas, que dizem desolação e abandono.

Singramos num corredor oceânico...

Feérica visão a desse estreito, onde passaram tantas náus e caravelas, a caminho das descobertas e das conquistas! Que

ATLÂNTICA

REGRESSO À TERRA NATAL

NÃO PERECE NUNCA...

sonhos aflorando do Mar, aqui petrificados em pesadões!

Entramos no porto de S. Vicente, tão vasto e quasi deserto! Em frente — a muralha espantosa da ilha de Santo Antão...

Já passámos a Madeira, tódá envolto no esplendor da sua edénica primavera. O mar é calmo: as horas passam mansamente...

Desço ao beliche. E cravos de Praia, rosas de S. Martinho, folhagens dos Flamengos, flôres de laranjeira da Boa-Entrada — fantástico herbário! — tornam presente a ilha distante, a Ilha do Encantamento, que se me vai sumir, para sempre, na bruma da saudade.

Cerro os olhos, e revejo ainda tódá a Ilha: deslizam, como num *écran*, os areais, as arribas, os pequenos portos, as montanhas e os vales, as chadas, as ribeiras, os cêrros nús e os arvoredos dos trópicos, a brisa que geme nos coqueirais, e o mar branco e oiro, que, além na Venécia, se franja de azul celeste, e as manhãs da Boa-Entrada, em que o sol estremece na neblina, doces manhãs pueris, em que o mundo parece nascer como no Paraíso, e as noites de luar que amortallam o mundo em dór silente...

Concentro a alma — que é mais que os sentidos — e suprimo a distância: prendo-me de novo a minha vida à de outros seres que lá estão tão longe, ou são êles que estão aqui comigo, são êles que vieram?

Existo fora da realidade sensível — inteiramente alheado do barco e dos passageiros com registo a bordo, mesmo do mar e até do céu de Portugal, que nos vai já cobrindo.

Foste tu, Atlântico, que nos aproximaste, que nos uniste, foste tu, mar maravilhoso, que revelaste à minha alma serena de europeu a alma trepidante, flamejante dos Trópicos!

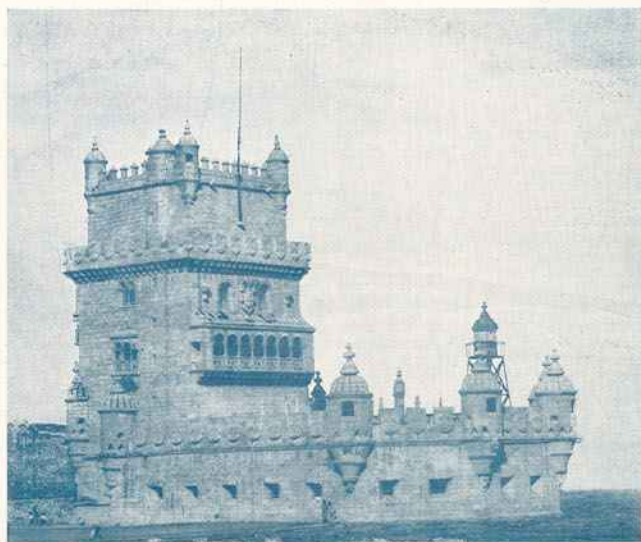
Zona temperada e zona tórrida são os climas ideais da vida...

Guarde-me Deus da zona glacial — do deserto frígido do ateísmo moral, que só conduz às clareiras mortais da ambição e do ódio, e à sinistra laguna que mergulha metade da vida na escuridão do cepticismo e outra metade em torvas ansiedades da riqueza e do mando.

As ondas batem na amurada; acordo, debruço-me: o último ramo de jumbo que colhi em S. Tiago cai-me das mãos. Uma vaga ergue-o ao alto, além da popa; desce depois na vertigem da vaga.

O navio arqueja... E, lentamente, em semi-consciência, sou eu que oferto ao Oceano todo o meu saudoso herbário; as flôres colhidas no Jardim do Sonho, uma a uma as vou soltando, como aves prisioneiras... Volteiam, descendo; erguem-nas as ondas; vejo-as voar...

Estamos à vista da costa de Portugal; já se sente a corrente do Tejo; contem-



A Torre de Belém

plo a Serra de Sintra, adormecida no fundo violário do horizonte imóvel. No regresso ao lar, sacudo a poeira olímpica das minhas visões e quimeras.

Fumo e cismo...

E, uma a uma, apagam-se as imagens radiosas da Ilha do Encantamento: um momento boiando ainda, sonambólicamente, no rio da Vida, afogam-se na invasora maré que surge, e que tudo abala e transfigura — a Baía, o Tejo, Lisboa!

A última, a derradeira estrofe da Canção da Mocidade vai perdida ao largo, na amplidão oceânica.

Mas, como a harpa ecóia desperta ao sopro

Uma rua de Funchal



LOPES D'OLIVEIRA.

A par de tanta crueldade e de tanta inconstância que pelo mundo espalham os seus malefícios, faz bem à nossa alma uma notícia de paz e de lealdade.

Em contraste com tantos lares infelizes, desfeitos pela má cabeça dos seus chefes, ela às vezes, êle outras, e a miudo os dois, como faz bem, como fortifica os nervos, o saber-mos que no meio desta quasi falencia dos laços familiares, que mais ou menos por toda a parte se acentua, há ainda criaturas que respeitam as leis do matrimónio — leis que estão bem mais fixas nos corações do que nos registros — e que seguem na vida unidas, prontas a repartir lealmente entre si bons e maus bocados!

Eu admirei sempre um casal que se estima e se considera, sem nunca afrouxar os primeiros nós que os ligou, um casal que desce a encosta da vida com com a mesma ternura com que a subiu, guardando na velhice igual entendimento de espirito que ha-de indemnizá-lo, principescamente, das lacunas que a vida material vai abrindo no seu caminho.

Envelhecessem os dois juntinhos, marido e mulher, vendo-se sempre no espelho da sua alma ornados daquela juventude do primeiro deslumbramento — eis o que há de mais sublime na vida amorosa da humanidade, e que derrota todas as aventuras de amor fugaz, que arde e logo se apaga como fogo de palha que nem o mesmo aquece o vento que o leva,

*"Home, sweet home!
There is no place like home!"*

Assim dizem os ingleses, que são certamente o povo que mais intensamente ama o seu lar.

Um filho da loira Albion pode divertir-se, pode por momentos extasiar-se com belezas alheias, mas no seu coração não se apaga nunca a imagem do seu lar, que êle, por uma exigência do seu patriotismo, alarga e instala no país inteiro, quando por longe labuta ou se distrai, quando chora ou ri.

É por isso, que este amor da família e do cantinho que toda ela abriga, é por isso, que os casos de uma ligação que vai até aos cinquenta anos de vida em comum, e os ultrapassa enquanto a morte não chega, e que só a morte quebra, não são raros na Grã-Bretanha.

Agora festeja a Inglaterra as bodas de ouro do grande homem de estado que é Lloyd George e de sua mulher — primeira e única companheira da sua vida agitada de político.

Cinquenta anos em que ela foi a amiga que recebia do esposo as confidências das horas de incerteza, e o animava, e o tonificava para a luta, com a sua palavra, meiga mas energica, com o seu coração enternecido, mas blindado contra o de-

salento, escondendo a sua própria dúvida para lhe elevar o moral.

Quantas vitórias na sua carreira diplomática não lhe deverá êle a-pesar-de todo o seu talento oratório, a-pesar da sua tática para resolver os intrincados problemas internacionais?

São as mulheres assim dedicadas, assim

momentos que podem chegar a ser a vida intensa, se elas não quizerem sacudir-se a tempo do fatal enleio.

É certo, que nós, pobres mulheres, tão infelizes que até ao nascer entristecemos os pais, que antes queriam um rapaz, é certo que temos na nossa frente mais penas que alegrias, mais maldade que boas acções, e

que contra nós se desencadeiam tormentas que muitas vezes nos arrastam para mau porto, e bem contra nossa vontade.

Somos como frágil batel que as ondas enfurecidas balouçam e ameaçam tragar em breve.

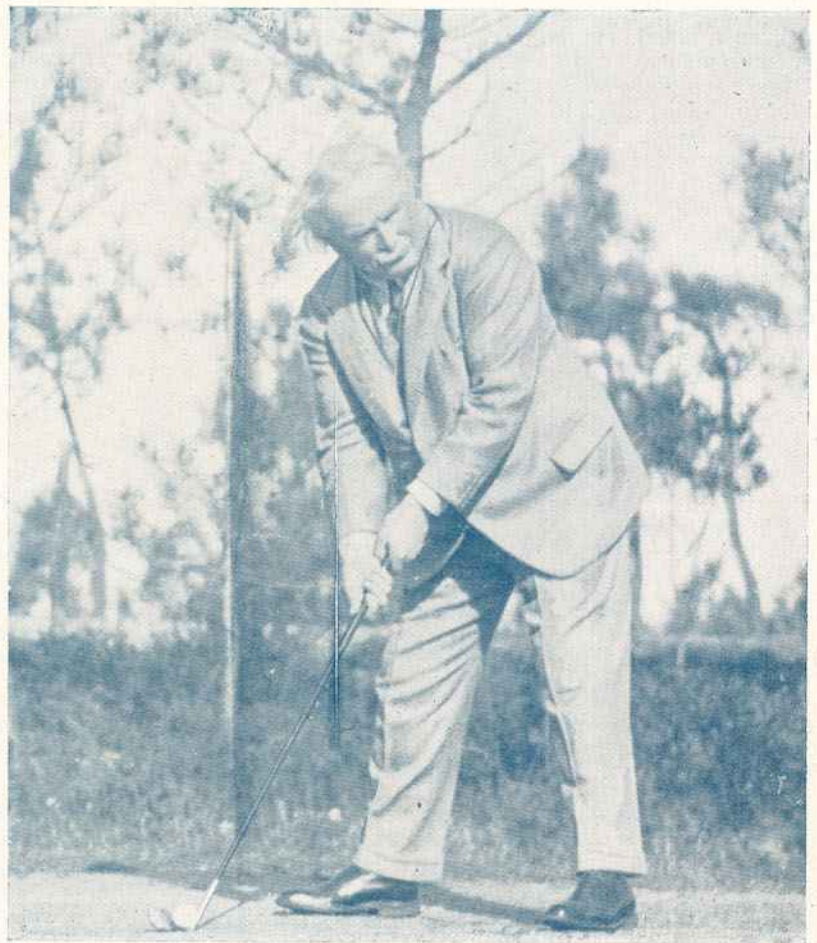
E devemos procurar sê-lo, com todos os seus deveres anexos a cumprir, cumprindo bem e inteiramente esse cargo difícil, mas tão cheio de orgulho e de íntimo prazer, esse cargo de esposa e mãe, amparando o marido, nas suas fraquezas de ânimo, aplaudindo-o nos seus triunfos, incutindo-lhe constantemente coragem, e preparando os filhos para seguirem o rastro luminoso da honra, se não o da glória.

MERCEDES BLASCO.

DOCE COMPENSAÇÃO

leais, prontas sempre para o sacrifício, contanto que o seu homem vença na vida, contanto que êle se afirme como elemento indispensável, mola real da engrenagem de uma nação, são estas mulheres que dignificam um povo, e nos fazem até perdoar àqueles que erradamente se afastam do fito que lhes é imposto pelo seu destino de esposas e mães futuras.

São estas mulheres, que acendem a luz na carreira brilhante de êxitos do seu companheiro e se refugiam na sua sombra, modestamente, sem alardes, apenas satisfeitas pelo dever cumprido, são estas mulheres que devem ser tomadas como exemplos que devem ser seguidas por todas as outras hesitantes, ainda no seu caminho, e que se sentem solicitadas por paixões que por momentos as cegam,



Lloyd George

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No CENTRAL CINEMA

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte as sr.^{as}: D. Ana Maria Burnay de Carvalho, D. Francisca Maria de Vasconcelos e Sousa, D. Manuela Correia da Cunha, D. Maria Francisca Porto Pereira Machado, D. Maria Helena de Portugal, D. Maria de Lourdes Guilman, D. Maria de Lourdes Portugal e Melo, D. Maria Luísa Roque de Pinho (Alto Mearim), e D. Vitória de Almeida (Lavrado), realizou-se no dia 3 do corrente, no salão do Central Cinema, uma tarde de cinema de caridade, cujo produto se destinava a favor da Casa de Repouso de Nossa Senhora de Fátima, em Cilaes, casa destinada a socorrer as raparigas enfraquecidas sem possibilidade de hospitalização.

A festa decorreu com extraordinária animação e elegância, tendo decerto a comissão organizadora ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto mundano como financeiro.

No LICEU PEDRO NUNES

Realizou-se na tarde do dia 6 do corrente, no salão de festas do Liceu Pedro Nunes, levada a efeito por um grupo de crianças pertencentes à nossa primeira sociedade, uma festa infantil de caridade, cujo produto se destina a favor da Escola Rural de Santa Isabel, em Colares, constando o programa da representação de duas comédias, recitação de versos da autoria das inspiradas poetisas sr.^{as} D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrício e D. Maria Tereza Beltrão de Albuquerque e de várias danças regionais, sendo todo o programa interpretado por crianças, que saíram maravilhosamente do seu espinhoso empreendimento.

Na assistência a essa linda e encantadora festa de caridade, via-se tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante.

FESTA ANUAL DO GEREZ

Com uma selecta e enorme concorrência, que enchia por completo os vastos salões do Palácio Foz, onde se encontra instalado o Clube dos Restauradores, realizou-se na noite de 2 do corrente, uma grandiosa festa, levada a efeito pela direcção da Liga de Defeza do Gerez, festa que constou de «ceia à americana» durante a qual se exhibiram em vários números do seu repertório, um grupo de artistas dos nossos teatros musicados, que deixaram na selecta assistência a melhor impressão.

Festas como esta que a Liga de Defeza do Gerez levou a efeito ficam para sempre gravadas a letras de ouro nos anais mundanos.

Bodas de prata

Completaram no dia 29 de Janeiro último as suas bodas de prata, vinte e cinco anos de casados, a sr.^a D. Irene Vieira da Silva Bohet e o notável maestro e distinto violinista sr. René Bohet.

Casamentos

Celebrou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Dulce Lima Lopes de Sequeira, interessante filha da sr.^a D. Tereza Lima Lopes de Sequeira e do sr. dr. Artur Lopes de Sequeira, com o sr. José Martins Alvarez, filho da sr.^a D. Balbina Martins Alvarez e do sr. Serafim Alvarez y Rivera, já falecido. Serviram de padrinhos da noiva, seus pais, e do noivo, sua mãe e o sr. Agapito Serra Fernandes.

Durante o acto religioso, cantaram vários trechos de música sacra, as sr.^{as} D. Alice Luz e Silva Guedes de Freitas e D. Olga Violante.

Terminada a cerimónia, foi servido, em casa do sr. coronel Carlos Bandeira de Lima, tio da noiva, um finíssimo lanche fornecido pela confeitaria Aurea.

Os noivos, a quem foram oferecidas lindíssimas prendas, partiram para o norte do país em viagem de núpcias.

— Celebrou-se em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Isaura da Conceição Barata Seixas e do sr. Francisco de Carvalho Seixas, o casamento de sua gentil filha D. Alice, com o distinto engenheiro sr. António Marques Paixão, filho da sr.^a D. Ester Amaro Paixão e do sr. Maurício Marques Paixão, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia, foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para a Alemanha, onde foram passar a lua de mel.

— Na Basílica da Estrêla, presidido pelo reverendo Jacinto de Sousa Borba, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Irene da Costa Oliveira, interessante filha da sr.^a D. Brígida da Costa Oliveira e do sr. Júlio da Costa Oliveira, já falecido, com o sr. António José de Saldanha da Gama Nunes, filho da sr.^a D. Ana de Saldanha da Gama Nunes e do distinto engenheiro da Vacuum Oil Company, sr. Alfredo Gomes Nunes, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Alice Gomes Cardoso Bandeira de Lima e D. Ilisa Barros da Costa Sacadura, e de padrinhos os srs. drs. Fernando Pires Monteiro Bandeira de Lima e o ilustre professor da Faculdade de Medicina Sebastião Costa Sacadura.

Finda a cerimónia, foi servido na residência do noivo, um finíssimo lanche, segundo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para a Abrunhosa, onde foram passar a lua de mel.

— Em Santiago do Cacem, celebrou-se na igreja matriz, o casamento da sr.^a D. Maria da Assunção Monteiro Duarte, gentil filha da sr.^a D. Emília Ramos Monteiro Duarte, e do sr. Francisco Duarte, com o sr. João da Natividade Galvão, filho da sr.^a D. Belmira da Natividade Galvão e do sr. António de Mira Galvão, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Cândida Duarte e D. Maria Ana de Mira Galvão e de padrinhos os srs. António Augusto Lúcio Carretas e dr. José Martins de Mira Galvão, presidindo ao acto o reverendo Ernesto António Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para Beja, onde foram passar a lua de mel.

— Pelo sr. Dr. Macedo de Bragança, foi pedida em casamento para seu afilhado o sr. Dr. Guilherme Braz Medeiros, filho da sr.^a D. Bernar-

dina Amélia Dias Medeiros, e do falecido oficial principal dos Correios e Telégrafos sr. Paulo Braz Medeiros, a sr.^a D. Maria Henriques Duarte Costa, interessante filha da sr.^a D. Maria Henriques Duarte Costa e do distinto clínico sr. Dr. José Duarte Costa Júnior, já falecido, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Presidido pelo reverendo prior da freguesia, celebrou-se com extraordinário brilhantismo, na paróquia dos Santos Reis ao Campo Vinte Oito de Maio, o casamento da sr.^a D. Lídia Teixeira Cancelo, gentil filha da sr.^a D. Geórgina Teixeira Cancelo e do sr. José Teixeira Cancelo, com o sr. Jorge Carvalho Correia, filho da sr.^a D. Elvira Carvalho Correia e do sr. António das Dores Correia, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de meza do restaurante Café Tavares, um finíssimo almoço, oferecido pelos pais da noiva, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o Algarve, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.^a D. Paula Esteves Júlio, esposa do sr. António Augusto Júlio, foi pedida em casamento para seu filho Fernando, distinto quintanista do Instituto Superior Técnico, a sr.^a D. Aida Moutinho de Carvalho, interessante filha da sr.^a D. Ermelinda dos Santos Moutinho de Carvalho e do sr. Luís Moutinho de Carvalho, inspector da Companhia de Seguros «La Preservatrice», devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Na paróquia de S. Jorge em Arroios, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Izaura Gonçalves Fontainhas, gentil filha da sr.^a D. Celerinda Rosa Gonçalves Fontainhas e do sr. João Baptista Afonso Fontainhas, com o sr. Diamantino Massas, filho da sr.^a D. Maria Isabel Saúde Massas e do sr. João Massas, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Antónia Pina Domingos e D. Júlia dos Reis Ribeiro e de padrinhos os srs. Francisco Domingos e Rui Jesus Ribeiro, sendo o acto presidido pelo prior da freguesia reverendo cônego dr. Martins Pontes, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na residência do irmão da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

A sr.^a condessa de Estarreja (D. Isabel), filha dos srs. condes de Lavradio, e nora dos srs. condes de Estarreja, teve em Londres, o seu bom sucesso. Mãe e filhos estão felizmente bem.

D. NUÑO



Casamento da sr.^a D. Dulce Lima Lopes de Sequeira com o sr. José Martins Alvarez



A equipa nacional de football que ainda esta época não conheceu a derrota, vencendo por 2-1, 4-0 e 3-0, respectivamente, as seleções da Espanha, da Hungria e novamente da Espanha.

O grupo nacional de football, somou há quinze dias a sua terceira vitória consecutiva da época, derrotando de novo sobre o terreno das Salésias a equipa seleção da Espanha Nacionalista. Vamos, portanto, em vésperas de idênticas responsabilidades internacionais, no caminho auspicioso trilhado em 1928 pela nossa gloriosa representação olímpica.

Nesse ano também, empatando pela primeira vez com os espanhóis, batendo por pesado "score" a afamada equipa da Itália, forçando a honrosos "matches" nulos o onze da França em Paris e a delegação argentina em Lisboa, os jogadores portugueses adquiriram confiança nas suas possibilidades e impuseram ao conceito crítico da opinião pública o poder realizador do seu conjunto, em Amsterdão depois confirmado à custa do Chile e da Jugo-Eslávia.

Para muita gente o grupo de então, onde figuravam elementos que a fama ainda não esqueceu e cuja popularidade não voltou a ser igualada, representa o apogeu do valor do football português, o conjunto mais forte que já mais alinhou com a camisola das quinas. São numerosos os apreciadores que preferem o onze de 1928 ao onze de 1938 e o julgam, em mérito absoluto ou relativo, superior sem reservas.

Estes confrontos no tempo são em regra inconsistentes, pois se baseiam apenas em impressões que os anos inconscientemente deformaram ou em reminiscências que raro correspondem ainda à verdade.

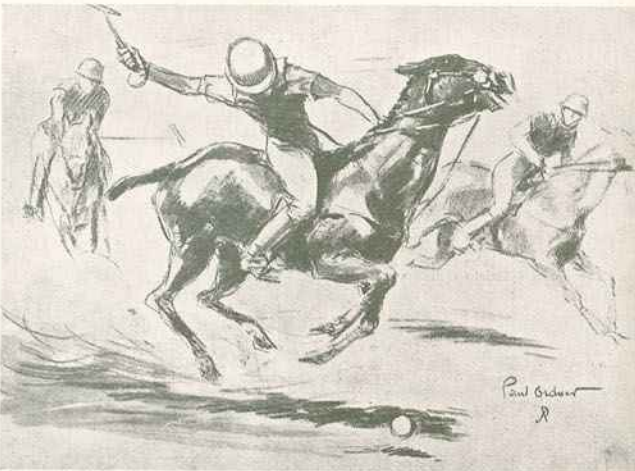
Em nossa opinião, o onze português joga agora um football da melhor qualidade, e a classe do conjunto ultrapassa a de há dez anos com a reserva de maior valor em algumas das individualidades de outrora. A diferença não será muito notável, mas existe; a equipa de hoje possui noção mais perfeita dos seus recursos e substitui os rasgos de talentosa inspiração pessoal pela regularidade técnica e tática dum autêntico agrupamento.

Tôdas as surpresas são possíveis em desporto, mórmente em football onde a lógica sofre a cada instante cheque mate, mas não é justo regatear confiança ao nosso grupo nacional, competente bastante para causar algumas arrelias aos

seus próximos adversários do Campeonato do Mundo.

Frente à Espanha, a seleção de Portugal desenvolveu durante a primeira parte uma teia de jogo preciosa de segurança e rapidez, conquistando durante êsses quarenta e cinco minutos o direito a uma marcação muito mais expressiva do que o simples tento que afinal veio a constituir todo o activo do vitorioso embate; mas a sorte estava pelos nossos simpáticos adversários e ajudou-os a compensar o desnivelamento de classe entre o seu conjunto e o grupo lusitano.

A equipa da nação visinha foi um esfumado reflexo das formidáveis representações anteriores à guerra; teve como heróicos esteios, dois enormes jogadores dessa época, o guarda-redes Elzaguirre e o defeza Quincoces, mostrou em lances de entusiasmo o estilo da afamada "fúria espanhola" que Antuérpia revelou à Europa, mas nunca conseguiu evidenciar eficácia frente às redes nem consistência na construção de jogo a meio campo.



O conhecido desenhador desportivo Ordner organizou em Paris uma exposição dos seus trabalhos, que obteve merecido êxito. A fase de jogo de polo, que reproduzimos, evidencia o talento do artista, sem dividir um dos mestres na especialidade.

A QUINZENA DESPORTIVA

Temos a convicção que o grupo português de 1938 tem valor para enfrentar e poder vencer qualquer equipa de Espanha, mesmo constituída por tôdas as estrêlas dispersas pela tormenta bélica; mas certamente não o faria com a nitidez e à vontade verificados nas Salésias frente ao onze nacionalista.

Para não romper a tradição êste encontro despertou formidável interesse na multidão desportiva e podem calcular-se em vinte e cinco mil os espectadores reunidos em torno do terreno relvado. O Estádio José Manuel Soares, com todos os seus aperfeiçoamentos, afirmou-se insuficiente e grande número de presentes não conseguiram dos seus lugares acompanhar convenientemente as evoluções dos jogadores porque a visibilidade do recinto destinado aos peões não está bastante aculelada para todos que nele tomam posição.

Continua a fazer-se sentir a falta dum estádio nacional ou particular, mas que valha de facto essa designação dentro do conceito das grandes instalações desportivas.

Um comunicado oficial trouxe já há algum tempo ao conhecimento dos interessados a organização do terceiro concurso de gymnástica educativa pelo Ginmáσιο Club Português. Não é necessário apontar os benefícios resultantes de semelhante iniciativa, nem recordar o êxito das provas em 1937 para pôr em relance a importância d'êste empreendimento para estímulo da propagação e divulgação da educação física no meio desportivo.

No ano passado a concorrência clubista resumiu-se aos dois clubes especializados e ao Sporting, que deu excelente prova de desassomburada actividade; oxalá no próximo concurso possa registar-se a presença de novos participantes para maior brilhantismo e interesse público do certame.

Parece-nos que um dos factores cuja influência mais poderá contribuir para o bom acolhimento por parte dos possíveis concorrentes será a pronta divulgação do regulamento onde a experiência aconselha a introdução dalgumas modificações.

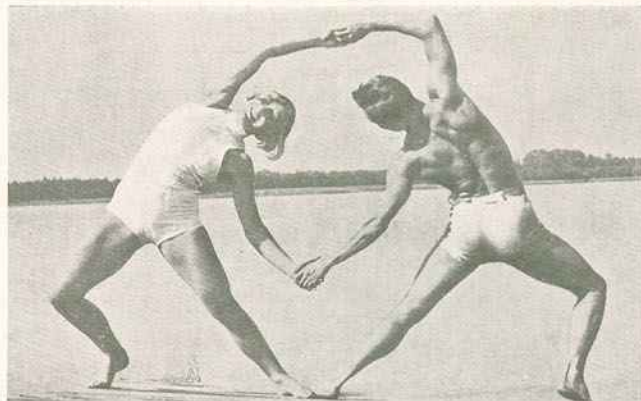
Uma das mais importantes relaciona-se com os limites da idade escolhidos para as diferentes categorias e que foram no passado tomados um tanto arbitrariamente, consentindo disparidades flagrantes e que impressionam desagradavelmente os espectadores.

A categoria das crianças, por exemplo, englobava nos concursos anteriores todos os menores de ambos os sexos até à idade de 12 anos, inclusa. Preferíamos ver seguido o critério adoptado na organização da Mocidade Portuguesa, subdividindo a categoria em dois grupos, um dos 7 aos 10 anos (lusitos), outro dos 11 aos 14 anos (infantes), podendo no primeiro admitir-se a inscrição de classes mixtas e no segundo apenas masculinas e femininas.

Esta disposição teria a vantagem de impedir a presença na mesma classe de alunos em flagrante disparidade de desenvolvimento físico, como sucedeu há um ano com a secção infantil da Escola de Educação Física do Exército onde figuravam duas crianças com estatura e corpo de mulheres, a par d'outras que lhes não passavam da cintura.



O americano Budge e o alemão Von Cramm foram no ano fado os dois melhores tenistas do mundo, com vantagem absoluta do primeiro. Em viagem ambos na Austrália, a forma de tvereno do barão Von Cramm suplantou desta vez a do rival.



Na harmonia e no dinamismo dos exercícios encontram-se as posições mais graciosas, que a perfeição estética dos corpos mais valoriza ainda.

O único inconveniente que poderia resultar desta classificação seria a impossibilidade de conservar a categoria designada "raparigas", pois consideramos racional antecipar o limite mínimo da idade das senhoras para os 15 anos, mas a deficiência seria compensada pela criação da categoria das "infantas" sem que daí adviesse prejuízo para os concorrentes.

Haveria ainda outra solução a propôr, no caso de querer conservar-se a divisão tradicional dos primeiros concursos, dando aos inscritos de idade correspondente a limite de categoria o direito de figurar naquela mais compatível com o seu desenvolvimento físico, certificada pela opinião do médico inspector, cuja assinatura é obrigatória no boletim oficial. Teríamos, assim: crianças até aos 12 anos, em classes simples ou mixtas;

raparigas dos 12 aos 15; rapazes dos 12 17 anos; senhoras dos 15 anos em diante, e homens dos 17 anos em diante.

A questão do júri apreciador das provas é também da maior importância, e deve ser cuidadosamente ponderada de forma a não poder servir de pretexto a quaisquer abstenções; é indispensável evitar o aspecto de predominância desta ou daquela escola e alhear em absoluto os indivíduos cuja função é classificar, das entidades que se apresentam para ser classificadas. Neste pormenor, o rigorismo deve ser intransigente.

Ponderadas com antecedência tôdas as contingências, determinada sem precipitações a data das provas e escolhido para sua realização um local apropriado, espaçoso e capaz de receber, facultando comodidade, todo o numero público que por certo acorrerá a presenciar as diversas exhibições, tem o Ginmáσιο assegurado o êxito da sua prestigiosa iniciativa, cujo interesse êste ano duplica pela presença em Lisboa dum professor estrangeiro de escola diversa da sueca que os nossos metodologistas adoptaram, e o qual não quererá perder a ocasião de valorizar a sua obra num confronto anciadamente esperado.

Embora, em princípio, não sejamos apologistas da competição em matéria de gymnástica educativa, reconhecemos que os torneios d'êste género são da maior utilidade em país, como o nosso, onde a obra de propagação é ainda indispensável para atingir divulgação conveniente.

Quando houvermos conseguido para a educação física com grau de expansão que dispense a necessidade de atrair o interesse público para a sua prática, poderemos sem prejuizo abolir os concursos substituíndo-os por grandiosas exhibições anuais donde seja excluída a preocupação de confronto.

Por enquanto é cedo.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas.

IMPRESNA

Cultura e Recreio. — Temos em nosso poder o primeiro número desta nova revista que, entre outra colaboração de interesse geral, insere uma desenvolvida secção charadística que virá, certamente, a prestar revelantes serviços aos cultores da nossa causa, em especial aos principiantes. Os prémios que confere aos seus colaboradores constituem uma prova convincente do seu futuro progresso.

NASCIMENTOS

Encontra-se em festa o lar do Ex.^{mo} Sr. Dr. António Domingos da Silva, «Rina» e de sua Ex.^{ma} esposa, Sr.^a D. Henriqueta Sena e Silva, «Rina-quethe», pelo aparecimento à luz do dia de mais um ilustre varão, que esperamos venha a colaborar ainda nesta secção.

Pela mesma razão, se encontra, igualmente, em festa o lar do nosso estimado confrade, Fernando Monteiro de Oliveira, «Fero», e de sua Ex.^{ma} esposa, Sr.^a D. Maria Amália Gonçalves de Oliveira, «Natércia», pelo nascimento de uma menina que, do mesmo modo, aguardamos venha a ser futura professora da Arte Edípica. A todos os supracitados confrades endereçamos as nossas respeitadas felicitações.

ERRATA

A charada n.º 20 do número anterior desta secção é novíssima e não mefistofélica e com a numeração: 2-2.

PRÉMIOS

Para o nosso concurso recebemos mais o seguinte e interessante brinde: *Contos e Lendas Mitológicas*, por Emile Genest, tradução de Sousa Martins, 1 exemplar, oferta do nosso estimado colaborador Sileno a quem sinceramente agradecemos.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Maria, escrevo-te à pressa — 1-5-3-2
P'ra me dizes depressa
Qual a razão, o motivo,
Porque me andas a fugir — 7-2-8-4
E não queres aderir
Ao meu amor sempre vivo.
P'la santa religião — 3-5-1-8
Juro ser ingratição,
Porque — ai de mim, pobre e louco —
Em cada canto e recanto — 2-6-7-8
De meu peito mora o pranto
Que me mata pouco e pouco.

Basta de tanto sofrer,
Isto assim não é viver;
Se meu pobre coração
Continua repellido
Dá um berro, um estampido,
Inda maior que um trovão.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

ANTIGAS

A Ordisi, meu presado mestre

2) Desculpe-me, confrade, se imperfeito
Vos teço o meu soneto, frouxo e baço;
Porque a culpa tem sido, quando os faço, — 1
• Não ter pachorra, tempo e qualquer jeito.

Chego, por vezes, a buscar no leito
O linitivo para o meu cansaço
E logo deslazer, com simples traço,
Aqui que já fiz, bem ou mal feito.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 8

Exausto de pensar e de escrever,
Esgoto na jornada o pensamento — 2
Ficando sempre um verso por fazer...

E, nesta decadência, só lamento
De nunca conseguir êsse prazer
De ver obra impregnada de talento!

Lisboa *Fero (L. A. C.)*

PROVÉRBIOS ANGOLENSES

3.º

Aos confrades de Luanda e interior

Quem tem telhados de vidro ..

3) Um «ambaquista» insolente
«A» toda a gente dizia — 1
Que o seu amigo Vicente
Era ... «cucu» e que o sabia.

E ajuntava com ar de troça:
«Sabe os desmanços da Manda .. (a)
«Vê, e «faz a vista grossa»
«P'ra depois cobrar a «opanda». (b)

Vicente, que se abespinha,
Ao encontrá-lo na rua,
Soca-o e diz-lhe: — «A esposa é minha!
«Não percas tu d'olho a tua — 1

«E deixa a manda tranquila:
«O hima uamba ô moquá,
«O muhâmbe colêba ô mequila
«O ic iuênda ioná...»

(E foi remoque certo;
Que o provérbio traduzido
Quer isto significar:
«Censura o simio o parceiro»
«Por ter o rabo comprido»
«E o seu lá vai a arrastar!»)

« — Velhaco! Além de onzeiro,
«E's presbrito, um «senão» grave,
«Vês nos meus olhos o argueiro
«E nos teus nem uma trave!»

Angola *Jorge de Lucena*

(a) Madalena.
(b) Indemnização que entre o genito, o marido traído recebe do sedutor da companheira.

20) ENIGMA FIGURADO



ENIGMAS

4) A felicidade ligada a mim
Nunca pode ter aceitação
Por ter vivido sempre, sempre assim,
Longe duma confraterna união.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

Ao ilustre confrade Sileno

5) Tempos inolvidáveis, em que eu rira,
vinde até mim, num louco sussurrar!!!
Mostrai a fantasia, dêsse amar
e acusai, cruelmente, a vã mentira.

*Matei o coração e a minha lira;
dêle só resta o triste soluçar!!!
Tudo isto aconteceu, por te adorar,
com êsse louco amor — eu o sentira.*

A alma, salutar, vai de seguida,
Sem fim, por essa estrada mui florida
procurando saber o que tu és...

Fica depois, imóvel, muda, absorta,
pensando na amizade que está morta,
com um sentir bem forte e português. *

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

* Termo brasileiro

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

6) Não entrega o envólucro; contudo pede o meu bilhete. 1-1.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

7) A «letra» do «arbusto» está arrecadada na arca. 1-1.

Luanda *Zé da Eira*

8) O aumento no preço do pão, nascido da actual crise, só um indivíduo estroina o pode suportar. 2-2.

Luanda *Ti-Beado*

9) Dou o dito por não dito por me teres chamado mau. 1-2.

Lisboa *Rina (L. A. C.)*

10) Não há «engano»... Foi um boato falso. 3-1.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SINCOPADAS

11) Aquele tijolo largo e delgado está um tanto bejado. 3-2.

Lisboa *Ramon Lágrimas*

12) O imbecil também gosta de viver num solar. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

13) Em bosque grande espesso oculta-se bem um soldado. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

14) Não é a tua saída que me segura. 3-2.

Lisboa *Mirna*

15) Se hoje sou odiado já fui também louvado. 5-4.

Lisboa *Agasio*

16) Teria edificado um palácio colossal se me não faltasse o capital. 3-2.

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

17) Há gravidade em comer um petisco fora de horas. 3-2.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

18) No box, uma pessoa valente, tem sempre bom remate. 3-2.

Lisboa *Pimpas*

19) Encontrei no catálogo um nome que me causou impressão. 3-2.

Lisboa *Francisco J. Couvelas*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º Lisboa.

CARNAVAL

TEMPO DE FOLIA

Foi o carnaval em tempos idos o maior divertimento das gentes, hoje moribundo e abandonado, arrasta os seus últimos dias numa teima de viver, em que apenas se encontram as desculpas, da graça das crianças mascaradas, e do lucro que auferem os pobres vendedores ambulantes, que juntam alguns centavos vendendo serpentinas e as outras munições de combate mais inofensivas do que as verdadeiras munições de guerra, mas também bastante antipáticas.

É em Lisboa um pretexto para bailes e assaltos, esses ridículos assaltos em que vão todos com um cartucho de bolos na mão, e uma garrafa de mau Pôrto debaixo do braço.

O género de divertimentos mais pelintra que ainda se inventou e que é bem um sinal dos tempos.

Lisboa das recepções, dos grandes bailes de carnaval acabou, hoje festeja-se o carnaval nos Clubs e «dancings» públicos numa promiscuidade duvidosa, ou então nos assaltos, manifestação triste dumha época em que nem o santuário do lar é respeitado e que devassando as casas, a tanto por cabeça, dá direito aos que entram de se julgarem em sua casa ou pelo menos no á vontade de quem pagou!

O carnaval das ruas de ano para ano morre e vai quasi desaparecendo, mas dêsse ninguém tem saudades, porque ao lembrar as lutas titânicas que se desenrolavam no Chiado, ainda nossas mães e avós estremeciam de susto, lamentando vestidos e chapéus, que atingidos por pó, ovos podres e laranjas tinham ficado inutilizados e em lastimável estado.

Os tremeços brutais arremeçados com força desmedida, quebravam vidros e magoavam rostos. As partidas carnavalescas eram algumas de teor a deixar vestígios e conta no médico, por todo o ano. Não é pois para lamentar que tal distração tenha desaparecido.

Nunca ouvi contar e vagamente lembro alguns carnavais da minha infância que não evoque as brutais saturnais romanas, que eram a vingança durante três dias dos maus tratos sofridos pelos escravos durante todo o ano.

O carnaval é antipático sempre, porque nos aparece de máscara na cara e nunca o homem tapa a cara para fazer bem, mas sempre com intenção malévola o faz.

Quando á nossa volta, num baile adeja graciosa rapariga de «loup» de veludo preto, olhos brilhantes e dentadura de perolas, creiam, que

nunca são gentilezas que saem dessa boca e que o chamado espirito das mascaras anda sempre ligado á palavra intrigar, e, nada ha mais temível do que as intrigas.

Desde criança estremecia ao ver a casa invadida por mascaras, costume muito usado dantes; de se mascarar um grupo e ir visitar as pessoas amigas, numa tremenda algazarra.

Era sempre com pavor que eu via essas mascaras, que encobriam rostos amigos, mas que mesmo sabendo quem eram me mantinham aturada. A cara tapada dava um ar sinistro e longiquo á pessoa mais querida e bôa.

É nunca nas pouquíssimas vezes que puz uma mascara consegui abrir a boca e dizer uma palavra, tinha vergonha certamente de estar embuscada e de atingir com as minhas palavras alguém, sem delas tomar a responsabilidade.

E que imensa tristeza me invadia, um inexplicável sentimento, que ainda hoje me faz detestar o carnaval.

E nunca desejei ver o carnaval em parte nenhuma, é um tempo que se deve passar num sitio onde, nem o seu eco chegue.

No entanto ha pelo mundo sitios onde o carnaval atinge segundo me dizem grande beleza, mas tenho sempre a impressão que nessa beleza ha muito de loucura colectiva e desenfreada.

É célebre o carnaval do Rio de Janeiro, êsse carnaval carioca, que enlouquece nacionais e estrangeiros e que é um pretexto para gastar dinheiro loucamente, e loucamente viver durante três dias. A animação é delirante, mas deve ser a animação nervosa e excitada das multidões em delírio, e não a alegria sã dum povo que se diverte, essa alegria que faz bem ao coração e á alma, risos alegres sem maldade, manifestações ruidosas talvez, mas sinceras.

Em Nice é também célebre o carnaval e não calculo o que seja essa linda e civilizada Nice em mãos do Rei Carnaval.

Nice é uma das mais bem tratadas e arrebitadas cidades que conheço, as suas ruas tratadas com esmero parecem corredores de palácio, a «Promenade des Anglais» tratada com um inegalável esmero é um salão, onde todos os dias se reúne uma multidão alegre e tranquila.

Nos jardins a relva é bem aparada, as flores são colocadas com arte, como podem ser na jarra duma sala.

E não há um papel, um fosforo, no chão E não imagino o que será Nice de debaixo duma «avlanche» de papeis de cores, esses «confetti» que por toda a parte se introduzem, Nice despenteada, desalinhada, gritando, á passagem do célebre cortejo do Rei Carnaval.

Todas as pessoas que têm assistido a essa festa com ela deliraram, eu não sei qual seria a impressão que me causaria essa Nice de que conheço os aspectos em várias épocas do ano, se a visse de máscara na cara, provavelmente a mesma triste impressão, que me causavam em criança, as pessoas amigas mascaradas.

Veneza, a célebre cidade dos velhos palácios e dos canais, também teve a celebridade das festas carnavalescas. Nas gôndolas negras sulcando as águas tranquilas dos canais, floridos como «corbeilles», pares mascarados deslizavam com o «loup» de veludo preto afivelado ao rosto, cabelos empoados, tricorne de veludo sobre os caracóis, véu de renda negra ou doirada, encobrindo os mentos, as «baútas» aproveitavam esta época do ano para entretecer ligeiras teias amorosas, em que envolviam as despreocupadas elegantes.

Mas quantas pequenas intrigas amorosas, sem importância alguma, terminaram com um punhal de cabo precioso enterrado num jovem coração entusiasta, e num baquear dum corpo, no silêncio das águas dos canais que a noite enegrecera.

É que os venezianos eram ciumentos e a vingança pronta, nesses delicados rostos que sorrindo ocultavam as mais negras intenções. E a máscara de veludo preto evitava-lhes o «rictus»



do falso sorriso e só com sinceridade a mão brandia o punhal homicida.

Quantos amores não nasceram nesses faustuosos carnavais de Veneza, quantos cadáveres de jóvens belos, que suas mães choravam, não deslizaram boiando nas águas da Laguna, Santa Maria della Salute á vista, S. Jorge ao longe, com a sua esguia torre, as águas escuras e tranquilas a que um páldio luar dava um sulco de prata.

Tenebrosos carnavais, falsos e vingativos que deixam na alma o temor das coisas misteriosas, eu não tenho pena de vos não ter visto, eu não queria ver a Veneza doirada e branca, de máscara de veludo negro.

Em Roma também foi célebre o Carnaval. No Corso se travavam as lutas de «confetti» se trocavam olhares e promessas, mas não eram ainda uns restos das Saturnais? Não haveria no fundo da alma dêsse romano da plebe, um pouco dos escravos das Saturnais? E não seria o Carnaval para os romanos a maneira de dar um desafogo á sua violência e á sua amorosidade?

Mas como em toda a parte, o Carnaval em Veneza, o Carnaval em Roma, tem desaparecido.

O Carnaval tende a morrer, porque já não é necessário que haja uma época no ano que electrize as multidões, já não é necessário afivelar as máscaras para se intrigar, não é necessário agitar a tranquilidade de antigos burgos, de animar a mocidade com bailes, de entretecer misteriosas teias de amor.

A vida moderna é um perpétuo Carnaval, as ruas das cidades são agitadas continuamente por uma multidão em delírio, os ruidos são ensurdecedores, as antigas gatinhas dos foliões, são substituídas pelas sonoras buzinas dos automóveis, as intrigas fazem-se sem máscara, há a máscara do telefonê, que permite dizer tudo quanto há de desagradável, sem que se conheça, quem o diz, a música louca dos «jazz» enerva a mocidade, nos «dancings» todos os dias; a loucura agita a humanidade, nas notícias que a rádio nos dá continuamente, é que até nas pequenas e pacatas cidades de província se cruzam no ar continuamente, em altas vozes que os autofalantes sonorizam, os nervos vibram. A agitação é contínua e a pobre humanidade cansada de emoções, gasta de prazeres, esgotada de civilização, não precisa do enervante Carnaval, não quer intrigas amorosas, não quer dansas, exitações, fatigada da luta pela vida não se sente com forças para combates, nem mesmo de «confetti» e em vez de Carnaval, quer socêgo, em vez de três dias de loucura anseia por um mês de repouso em contacto com a Natureza e vai até ao exagêro do paradisíaco traje, cansada de máscara, põe apenas a máscara doirada que o sol lhe dá doirando-a.

É por isso que o Carnaval, tempo de folia, morre esgotado, como esgotada de vida excitante está a humanidade.

MARIA DE EÇA.





Mas para isso não é necessário de forma alguma fazer da mulher uma criatura apenas preocupada com ser forte e bela, uma atleta, e, deixar nela o delicado e imprimecível sentimento do pudor, como se tem feito ultimamente numa exibição louca, que não tem contribuído para o fortalecimento da raça, antes pelo contrário tem contribuído para encher sanatórios e aumentar tristemente a percentagem da tuberculose.

Dizem-me que até associações já há onde a única preocupação é o desenvolvimento físico, sem a mais elementar noção de decore que a mulher necessita; é para lamentar e profundamente que assim seja, mas felizmente não é essa a orientação da «Mocidade Portuguesa Feminina». Nem podia de maneira nenhuma ser, organizada como é por um governo que quer fazer ressurgir um país, e, que tanto tem já conseguido, e, que quer ligar o futuro ao tradicionalismo do passado.

E só assim no seguimento histórico das qualidades duma raça se pôde conseguir o levantamento moral dum país.

Apontando às raparigas exemplos como o de D. Felipa de Leucastre mãe e educadora de superior patriotismo e a Rainha D. Leonor a Caridosa fundadora das mesquinhas, alma que reflectiu nas rosas brancas do Bem, a «Mocidade» orienta a rapariga no melhor sentido.

Porque se no homem é já para lamentar essa tendência moderna para o idolatrismo físico, para a loucura do desporto, que é necessário reconhecer-o, mas como tudo com conta peso e medida; para a mulher é horrível.

Não podemos supor de forma alguma uma mulher que não apenas na preocupação do aperfeiçoamento físico, da forma física sacrificando pudor e sentimentos a ser apenas um belo animal.

Não a mulher, não é apenas um animal, é preciso até que tenha muita espiritualidade e que mantenha íntegros de delicadeza e de pudor, o amor a Deus, a Pátria e a família, e nem de outra maneira se pode compreender a esposa e a mãe.

Como poderia uma mulher ser esposa e mãe viver essa vida de abnegação e sacrifício, se não tiver a ajudá-la o conforto supremo da espiritualidade.

A educação física como única base da formação da mulher despoja-la das suas funções naturais, a mulher idolatrando o seu corpo como um deus, não pode querer desfigurá-lo com a maternidade, a mulher sem o ideal espiritual e sem Fé, não pode sacrificar-se por completo ao bem estar dos seus, como tem de o fazer a esposa e a mãe.

E dessa tão grande falta de espiritualidade superior na mulher é que vem a dissolução da família e portanto da sociedade, mas na «Mocidade Portuguesa Feminina», a rapariga receberá a melhor orientação e a par da educação física necessária, e adequada ao seu sexo, receberá uma preparação moral e espiritual que a tornará digna de exercer, com completo e perfeito senso moral, a sua grande missão neste mundo.

Essa superior missão, para a qual é necessário o amor a Deus, a Pátria e a família, de que o Estado Novo faz o seu lema e que será o lema da «Mocidade Portuguesa Feminina» é que tornará a rapariga sã, forte, dedicada e pura, verdadeira flor humana apta a descobrir em perfeita mulher, dedicada esposa e mãe exemplar.

MARIA DE EÇA.

A moda

ESTAMOS à pouco mais dum mês da primavera e começam a aparecer os primeiros modelos de meia estação.

Como o tempo ainda não é de confiança e se algumas horas há, em que é suave e doce a temperatura, outras ela é áspera e desagradável, e, não podemos pôr de parte os casacos, nossos companheiros de todo o inverno.

Mas a verdade é que estamos maçadas deles e outros modelos nos atraem, a economia aconselha-nos a aproveitá-los, mas nem sempre ouvimos os bons conselhos.

Verdade é que os longos casacos em pele ou em fazenda guarnecidos a pele, tornam-se incómodos neste tempo em que ainda há frio, mas

PÁGINA S FEMININAS

já não tão rigoroso que se não tornem incómodos.

E depois a mulher sempre apreciou variar a sua «toilette», multiplicar-se em aspectos e a mulher de hoje mais ainda sente esse desejo, ela que, consegue mudar de cor de cabelo, de tom de pele, quasi que de rosto, de seix em seis meses, tornando-se quasi desconhecida àqueles que a não vêem todos os dias.

E portanto tempo de mudarmos de «toilette» e aqui temos novos modelos, que a todas agradarão certamente.

Para raparigas novas aqui temos dois lindos modelos de casacos simples e práticos. Um deles em «ried de poule» éste tecido que não acaba e que na verdade é um belo efeito neste género de casacos.

Dum corte simples tem «raglau» uma graciosa gola em pé e amplas algebras, um cintão do mesmo cingido ao corpo quando apertado, não muito comprido deixa ver um pouco da saia. Boina em feltro.

O outro é um amplo casaco «trois quarts», bastante «avacé» em grossa lã «gris» claro, cor de cinza, fechado até acima por bonitos botões, tem umas originais algebras pespontadas que lhe dão gracioso aspecto.

Lynne Carver uma das mais graciosas e novas artistas da Metro-Goldwyn-Mayer dá-nos uma confortável «toilette» de primavera.

Vestido em «tricot» de lã feito à mão, em cor bege, com um cintão de «tricot» também em castanho. Casaco «trois quarts» em imitação «agneau des ludes» da maior simplicidade. Chapéu em feltro castanho, em forma de resplendor completa a «toilette».



Ainda em «agneau» verdadeiro, temos um gracioso casaquinho curto dum abalo ligeiro mas confortável que muito bem diz com a estação. Tem uma graciosa maneira de apertar junto ao pescoço com um grosso cordão de seda, a gola um pouco levantada, emoldura vantajosamente o rosto, as mangas graciosas alargam os ombros. Na cabeça um original chapéu em pélo de seda. Sobre um vestido cinzento este casaco, faz uma «toilette» encantadora.

O «tricot» continua a usar-se imenso na nossa «toilette», com grande apazimento de todas as senhoras, o que muito bem se compreende, porque além de bonito e confortável, é uma distração, para as senhoras que o podem fazer conversando e sem lhe dar uma grande atenção, podendo ser feito entre duas conversas amigas, e, ocupando as mãos num trabalho útil e prático.

É muito fácil e bonito o ponto desta «chanchaille» que apresentamos hoje às nossas leitoras e tem um gracioso aspecto. Fechada até acima remata com uma pequena gola que fecha com um gracioso lacinho em camurça azul escura com «poids» da cor azul Natic, da lã. Cintura igual completa este gracioso conjunto.

Fica bem com o «tailleur» e está indicada para o desporto.

Para a noite temos um vestido em veludo verde escuro muito simples com uns ligeiros «godets», o decote é «drop» e o busto guarnecido com um bordado em «pailette» dourado, a frente do vestido é guarnecida com galão «poilette» a saia à frente abre um pouco, mas pode fazer-se fechado o que deve dar melhor efeito, porque ao dançar não deve dar bom efeito o vestido aberto.

O pentecado muito simples é o que mais se usa agora; em largas ondas punhado atrás deixando parte da orelha descoberta, acaba em dois rolos sobrepostos.

É uma «toilette» bonita e que favorece as senhoras delgadas e as não gostam de grandes decotes, que também se estão usando cada vez menos. Os sapatos são em setim verde, mas não ficam mais feios no mesmo veludo do vestido.

A festa das mães

É emocionante a festa que em França se faz às mães. Cada cidade escolhe um dia para premiar com uma festa a dedicação e sacrifícios das mães. As mães recebem prémios pecuniários instituídos pela associação da «Gota de Leite».

Nenhuma vaidade, nenhuma glória no espírito daquela manifestação. Uma homenagem sincera às mulheres boas e sinceras que fazem da sua vida um sacrifício à maternidade.

A vida destas mulheres é um tormento de todos os dias, porque trabalham muitas vezes mais do que podem e vivem para aqueles a quem deram o ser.

Algumas destas mulheres vivem em condições materiais das mais dolorosas, tendo o único quarto para alojar uma numerosa família.

O nascimento dum filho representa um aumento de trabalho e de miséria e no entanto elas desempenham o seu dever de mães, com a maior dedicação.

É bem justo que ao menos um dia no ano elas sejam festejadas, acarinhadas e premiadas. Que linda não é esta obra e que bonito seria que fosse imitada.

Entre nós há tanta mãe nestas condições, que é merecia bem que a sua cidade natal dedicasse um dia a premiar o seu sacrifício de todos os dias.

Idéias perigosas

O idealismo pouco prático do socialismo integral, produz ás vezes verdadeiros desastres no sossêgo dos países, é o que está sucedendo na América do Norte.

«Miss» Perkins a Secretária do Trabalho naquele país imbuida de idéias dum utópico socialismo, arruinou a Marinha Mercante Americana, e, está prejudicando a política daquele país.

O comunismo avança, as greves sucedem-se, as lojas ocupadas, tudo tem trazido um enorme mal estar à mais rica nação do mundo, que vê a sua economia ameaçada.

Começa a fazer-se a reacção e em Nova Jersey foi organizado um comício conservador impoimentíssimo.

A introdução da mulher no governo dos países se é um facto muito interessante a registar, no triunfo do feminismo, é também para ponderar visto que a mulher é em geral mais apaixonada do que o homem e exagera sempre as suas opiniões, não atendendo muitas vezes ao que mais convém ao seu país, mas correndo atrás de fantasias, que nem sempre são realizáveis e que em dados momentos são até perigosas, como succede agora na América.

Foi ali que a mulher conseguiu os seus primeiros e mais completos triunfos, na conquista da igualdade de direitos, é para desejar, que não seja ali que sofra os primeiros cheques dum apaixonada ideologia.

Higiene e beleza

A beleza das mãos é muito prejudicada pelo frio excessivo. As frieiras e o ceceiro desfiguram por completo as mais lindas mãos e nada é mais para lamentar, porque umas lindas mãos são o mais belo ornamento da mulher.

As mãos brancas e finas que são as carinhosas mãos de enfermeira ou de bordadora eximia,



Receitas de cozinha

Bolinhos de fressura de vitela: Quando ficam restos de fressura de vitela há uma ótima maneira de os aproveitar e é a seguinte: Dividem-se em bocados, colocam-se numa travessa e deita-se-lhe por cima sumo de limão, salpicam-se de salsa picada e deixam-se estar assim durante meia hora ou mais.

Prepara-se uma massa para fritar, com farinha e ovo, envolvem-se os bocados da fressura nessa massa. Põe-se ao lume azeite numa çarçola e quando está bem quente o azeite, deitam-se os bocados já envoltos na massa e deixam-se fritar ficando bem louros, escorrem-se e depois da massa estar bem ázca de azeite, colocam sobre um guardanapo e servem-se com salsa frita em volta e acompanhados de molho de tomate.

Pudim bolacha Maria: Deitam-se numa vasilha dez gemas de ovos, meio quartilho de leite, 1 cálice de vinho fino, 350 gramas de açúcar e 5 bolachas Maria, raladas. Meche-se tudo muito bem e quando a massa está junta barra-se uma forma com açúcar queimado e vai ao forno, em banho Maria perto de 2 horas. Também se pode fazer em lume certo.

Biscoitos de Elvas: Amêndoas doces 500 gramas, açúcar 500 gramas, farinha de trigo 500 gramas, ovos dois. As amêndoas pelam-se com água a ferver e cortam-se em bocadinhos. Bate-se o açúcar com os ovos e vai-se-lhe deitando a farinha depois junta-se-lhe as amêndoas, misturando bem com a massa e estende-se esta com um rolo. Formam-se com a massa palitos, que vão ao forno em lata polvilhada com farinha.



têm de ser belas para juntar às suas habilidades úteis a beleza exterior.

Para as frieiras é bom consultar um médico que dê um remédio para a circulação pois são em geral resultado da má circulação. Durante o tempo frio devem lavar-se as mãos em água morna e com um preparado de amêndoas doces, para acalçar a pele e branqueá-la.

A noite devem untar-se com um pouco de glicerina pura, o mais eficaz de todos os remédios para o ceceiro, embora se anunciem tantos outros.

Tratar cuidadosamente as unhas que são a principal beleza da mão. Cortá-las na forma que melhor harmonize com a forma da mão. Usando vermiz evitar os vernizes vermelhos que tão mal ficam numa mão fina de mulher e a tornam agressiva.

PRIMEIRA FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. R. 2
 Copas — A. R. 6, 5, 4, 3, 2
 Ouros — 2
 Paus — 5, 4

Espadas — D. 9, 8, 7 **N** Espadas — V. 10, 6
 Copas — D. V. 10, Copas — 7
 9, 8 **O E** Ouros — 7, 8, 5, 4
 Ouros — R. 9, 8. 3
 Paus — 6 **S** Paus — D. 9, 8, 7

Espadas — 5, 4, 3
 Copas — — — —
 Ouros — A. D. V. 10
 Paus — A. R. V. 10, 3, 2

(Solução do número anterior)

O joga 9 o., **N** — R. o., **E** — 6 o., **S** — 2 o.
N > 6 c., **E** — 2 c., **S** — A. c., **O** — 3 c.
S > A. p., **O** — 6 p., **N** — 7 c., **E** — 2 p.
S > R. p., **O** — V. p., **N** — 8 c., **E** — 3 p.
(a) **S** > D. p., **O** — 8 c., **N** — V. c., **E** — 5 p.
N > 7 c., **E** — 7 p., **S** — R. c., **O** — 4 c.
S > D. c., **O** — 5 c., **N** — 9 c., **E** — 6 c.
S > 10 c., **O** — 9 c., **N** — 10 c., se **E** deita o 8 p. (b).
S > 4 p., **O** — 3 c., **N** — 2 c., **E** — 10 p.
E > R. c., **S** — A. c., **O** — 3 c., **N** — V. c.
S > 9 p., **O** — 4 c., **N** — 7 o., **O** é obrigado a baldar-se, firmando os ouros de **N** ou o 5 de espadas de **S**.

(b) Se **E** deita o 10 o.:
S joga 3 o., **O** — 4 o., **N** — A. o., **E** — D. o.
N > V. o., **E** — 8 p., ou D. c., **S** — 4 p., **O** — 5 o.
N > 7 o., dando a mão a **O** com o 8 o., **S** balda-se conforme a balda de **E**.

(a) Se quando **S** joga D. p., **O** não corta e se balda a 3 c.
N — 9 c., **E** — 5 p.
S joga A. c. e que todos servem.
S > 4 p., **O** — 4 o., **N** 7 c., **E** — 7 p. (c).
N > A. o., que todos servem.
N > V. o., **E** faz D. o., **S** balda-se a 5 c., **O** — 8 o. Qualquer carta que **E** jogue, perde todas as vasas.

(c) Se **O** corta o 4 p., recorta e trunfa.
S faz os três trunfos e novamente **E** só pode fazer uma vasa.

Para responder sem demora

Alberto é filho de Margarida.

A mais pequena nação do mundo

A bandeira vermelha e branca de Mônaco flutua sobre a menor nação de toda a Terra. A área total de Mônaco é apenas de 8 mil metros quadrados. Apesar de ser a menor em território, há, contudo, em população, três que lhe são inferiores, e que são: Andorra, Liechtenstein e San-Marino.

Os peixes e a isca

(Passatempo)



Qual será, destes quatro peixes, aquele que terá a sorte de apanhar a isca que se vê no centro desta embrulhada de fios? Só um o poderá conseguir.

Dominus tecum

Onde, como e quando começou a usar-se a saudação religiosa *Dominus tecum*, àqueles que espirram?

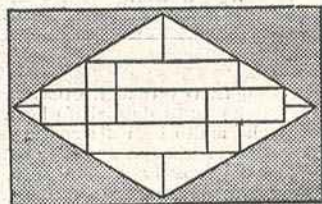
Parece que a mais antiga citação do costume de saudar aquele que solta um espirro, se encontrou na *Odisseia*, de Homero, e depois dele, noutros poetas gregos e também nos latinos. A fórmula da saudação não a temos presente; mas parece-nos que era uma invocação a Jupiter (Zeus) para que auxiliasse aquele que espirrava. Os antigos Padres da Igreja, salvo engano nosso, afirmaram que a saudação era usada pelos cristãos primitivos, uso pagão que eles conservaram, como muitos outros, modificando-o no sentido de invocarem o Deus verdadeiro e não Jupiter nem outro deus do paganismo.

A este propósito, recordamos um epigrama de Marcial, em que esse poeta festivo zomba de alguém que tinha o nariz tão comprido que as orelhas não podiam ouvir os seus espirros.

Sobre saudações ao que espirra, conta se, em terras de Espanha, que estando um hortelão em casa de um fidalgo, espirrou e este lhe disse: *Dominus tecum*. O hortelão irado, porque supoz que o fidalgo lhe havia dirigido um insulto, lhe respondeu com pessimos modos: «*Dominus leco* será o senhor, e *dominus-leca* a sua mulher e todos os seus filhos *dominus-lequitos*».

Paciência geométrica

(Solução)



Vinte e três anos de insónia!

Segundo informações vindas de Budapeste, existe ali um individuo, Paulo Kern, de cinquenta e três anos que não dorme desde 1915, isto é, desde que foi ferido na cabeça durante a guerra.

Tudo experimentou Paulo Kern para readquirir o sono; a fadiga física e intelectual, os narcóticos, a leitura de género suporífico... Nada deu resultado e até a medicina o abandonou.

Empregado numa Companhia de Seguros, quando acaba a sua tarefa diária, recolhe a casa, conversa com os membros de sua família até estes se irem deitar e passa depois a noite a ler e a ouvir a T. S. F. Esta última distração terá de ser em surdina, com certeza, atendendo ao bem estar da família e dos vizinhos!

De em quando quando descansa um pouco e fecha as palpebras, mas é apenas para evitar o cansaço dos olhos porque do sono nunca, nunca absolutamente, experimenta nem os mais leves vestígios.

Se Paulo Kern vive, desta maneira, vida dobrada, come o dobro; faz quatro refeições de dia e outras tantas de noite, o que parece provar que, na verdade, o sono alimenta!

Não é de invejar a sorte deste desgraçado; pelo contrário, devemos considerá-la bem digna de lástima!

Os arrenques são peixes que fogem do sal, a pesar de viverem no mar. Quando as águas das costas estão mais salgadas que de ordinário, afastam-se para o largo à procura de águas mais insípidas.

Vivem nos mares Báltico, do Norte e da Mancha. O Atlântico é mais salgado, e quando as suas águas se misturam em maior proporção com as dos outros oceanos, os arrenques desaparecem.



— É realmente necessário teres duas secretárias para os teus negócios, Henrique?
 — Ah! pois com certeza. Uma é para escrever à máquina e a outra para me trazer as cartas a assinar.

(Do «The Humorist»)



Oh! esta pessoa é nova cá em casa . . .

**INSTALAÇÕES A 200\$00
MENSALIDADES DESDE 30\$00**

COMPANHIA DOS TELEFONES

Rua Nova da Trindade, 43 — LISBOA

Chama-se a isto uma agradável surpresa. E, de facto, hoje em dia qualquer pessoa pode ter em casa essa surpresa, com as novas taxas que a Companhia dos Telefones pôs à disposição do público.

**INSTALE TELEFONE!
FALE AO TELEFONE!**

Rua da Picaria, 5 — PÓRTO

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.^a prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema, — novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América, — contribue-se para a cultura
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos**, segundo a importância
da compra, **sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, pro-
fusamente ilustrado, Esc. **25\$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Sucesso de livraria:

PRIMEIRO PRÉMIO

De romances em língua francesa no Concurso Internacional
de romances sobre o bolchevismo

O Império dos Sem-Deus

POR **PIERRE CROIDYS**

Romance de costumes soviéticos

No concurso constituído por ilustres escritores ingleses, alemães,
espanhóis, russos e belgas, presidido por Henry Bordeaux, da
Academia Francesa, foram apresentados cento e nove manuscri-
tos, sendo cinquenta e um franceses. O júri, após 17 meses, que
foi o tempo que levou a ler todos esses originais, concedeu o
1.^o prémio ao romance *L'Empire des Sans-Dieu* de Pierre Croidys.

1 vol. de 320 págs., ilust. com 11 grav.
e o retrato do autor, broc. **12\$00**
Pelo correio à cobrança . **13\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

**PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO**

Banhos de água mineral e de
água do mar quentes, Banhos
CARBO-GAZOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverizações e In-
alações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATER-
MIA. Raios Ultra-violetas e In-
fra-vermelhos. Electricidade mé-
dica. MECANOTERÁPIA e
Maçagens. = = = = =

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS

CULTURA FÍSICA

AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

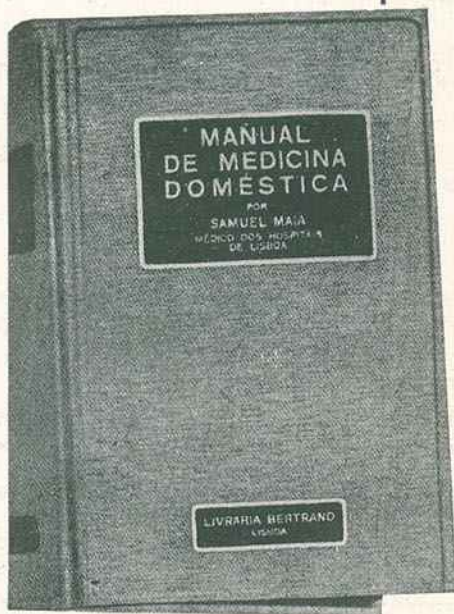
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações, com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA